

BOLETIN DE TEOLOGÍA

Director: José M. Gómez Marlasca

Año 19, n° 37

1º Semestre 2003

INDICE

Santo Antônio e a Ordem Franciscana

José Antônio de C. R. de Souza 3

Reseñas 37

Noticias 39

Boletín de Teología

Director: José M. Gómez Marlasca

Comité Asesor

Virginia Azcuy (Facultad de Teología - UCA, Buenos Aires)

Marcelo Cisneros ofm (Convento Franciscano, Jujuy)

Marcelo González (Facultad de Teología - UCA, Buenos Aires)

Copyright by Ediciones FEPAL, M. T. de Alvear 1640, 1° E, Buenos Aires.

Queda hecho el depósito de Ley 11.723. Se permite la reproducción total o parcial del contenido de este Boletín, siempre que se mencione la fuente y se nos remita un ejemplar.

ISSN 0326-792-X

SANTO ANTÔNIO E A ORDEM FRANCISCANA

*José Antônio de C. R. de Souza*¹

Não é muito comum nos depararmos com estudos que relacionem articuladamente Santo Antônio e a Ordem franciscana, na qual ingressou no correr de 1220, no eremitério dos Olivais, consagrado a Santo Antão², localizado na periferia de Coimbra, de um lado, talvez, porque as fontes só o tenham feito bem mais tarde, e de outro, porque elas, dirigem sua atenção ou para ele próprio visto singular e especialmente como taumaturgo³, ou para o *Poverello*, seus companheiros e o movimento religioso que fundaram, e nelas respaldou-se a historiografia produzida a respeito.

Nossos propósitos são, justamente, fazer essa correlação e salientar o destacado papel que Santo Antônio desempenhou no destino da Ordem, embora nela tenha passado apenas os onze últimos anos de sua existência neste mundo.

Com efeito, logo em seguida ao seu ingresso entre os Menores, sem ter tido o tempo necessário para conhecer razoavelmente o espírito e os ideais que norteavam aquele grupo de religiosos⁴, conforme sua própria solicitação, Antônio foi enviado como missionário ao Marrocos. Entretanto, como diz a *Assidua*⁵, ao chegar àquela terra ele adoeceu gravemente, circunstância essa que o obrigou a embarcar novamente para o seu país, a fim de se restabelecer. Mas, tempestades violentas arrastaram o seu navio para a Sicília, que acabou aportando em Messina, onde convalesceu durante um certo tempo.⁶

Pouco depois, e já era o ano de 1221, Antônio e outros tantos frades dirigiram-se a Assis para tomar parte no Capítulo Geral a se reunir naquela cidade, pela altura de Pentecostes, 23 de maio. Na verdade, foi durante aqueles meses de convalescença e aquela assembléia de Menores⁷ que ele passou a se inteirar um pouco do que era esse movimento religioso e teve a ocasião de conhecer Frei Francisco e outros frades notáveis, ou por sua liderança e expansividade, ou por sua cultura ou por sua vida virtuosa.

Igualmente, também foi nessa ocasião que Antônio pessoalmente verificou que algo não ia bem no interior do grupo. Com efeito, as fontes franciscanas atestam que ocorriam certos fatos que escapavam ao controle de Francisco, um sinal de que o sentimento e as aspirações dos irmãos não eram mais tão uníssonos. Um desses episódios é narrado por Frei Tomás de Celano O. Min. Conta ele que os habitantes de Assis, preocupados com onde os frades iam se hospedar durante a realização do Capítulo de Pentecostes, a

acontecer em 1221, resolveram construir uma casa para os mesmos. Ao regressar à sua cidade, Francisco ficou espantado vendo que os irmãos tinham uma casa para morar. Por isso começou a deitá-la abaixo mas foi impedido pelos soldados da comuna.⁸

Consta igualmente da *Legenda Perusina*, que à altura desse Capítulo, alguns frades cultos foram pedir ao Cardeal Protetor que convencesse Francisco a adequar seu movimento religioso, consoante o modelo apresentado por uma das regras monásticas, então, vigentes. Outrossim, a referida fonte acrescenta que o *Poverello* terminantemente se recusou a fazer o que lhe pediam, afirmando que outra havia sido a inspiração que o Senhor lhe dera.⁹

Entretanto, dado que o cardeal Hugolino não esteve presente àquele Capítulo, interpretando o mencionado episódio narrado pela *Legenda*, os historiadores julgam que ela estava se referindo a um acontecimento que já tivesse ocorrido antes, pois, face à expansão da *Fraternitas*, da qual já faziam parte muitos sacerdotes cultos, o Fundador apresentou aos irmãos um texto acerca de como deviam passar a viver, consoante as exigências da Sé Apostólica, canonicamente estipuladas para todo movimento religioso ortodoxo, texto esse conhecido, mais tarde, por *Regra não bulada*¹⁰, por não ter sido aprovada pelo Papado.

Talvez, justamente por isso, um pouco antes, em 22 de setembro de 1220, o papa Honório III determinou que todos os irmãos, daí por diante, fizessem um ano de noviciado, praxe comum entre as várias famílias de monges e de religiosos, e proibiu o fácil egresso da Ordem.¹¹

De qualquer modo, não percamos de vista que “(...) *esse capítulo se situa no epicentro da maior crise da Ordem acontecida em vida de S. Francisco, e, para maior gravidade, nessa crise fazem nó as principais linhas de força da famosa “questão franciscana”, levantada nos fins do século XIX (...) É que o ponto em que se toca é extremamente delicado. Não está em causa só a interpretação do fenómeno franciscano. Está também a interpretação do cristianismo, a saber, a disputa, em termos dialéticos, entre o espírito e a letra, a graça e a lei, a intuição e a instituição, a liberdade e a autoridade. Consequentemente a legitimidade da Igreja, ou pelo menos, da sua forma de agir (...)*”.¹²

Mas, terminado o referido Capítulo de 1221, os caminhos de Francisco e de Antônio se bifurcaram. Inicialmente, o *Poverello* fez uma viagem missionária pelo sul da Itália, depois, no ano seguinte, retirou-se para o eremitério de Fonte Colombo, a fim de elaborar uma nova Regra para a Ordem, e posteriormente, submetê-la à aprovação capitular e à Sé Apostólica, posto que o texto oficiosamente em vigor não se enquadrava nos padrões

canônicos formais de tal tipo de documento. Ao terminar essa tarefa, Francisco levou-a diretamente ao Cardeal Protetor, Hugolino dei Conti di Segni que, igualmente sugeriu-lhe fazer algumas alterações, com vista a abrandá-la.¹³ Feitas as mudanças, esse texto foi submetido à apreciação do Capítulo Geral de junho de 1223. Posteriormente, as discussões técnicas do texto entre os frades e os canonistas prosseguiram em Roma. Finalmente, a Regra veio a ser aprovada por Honório III, em 29 de novembro de 1223, mediante a bula *Solet anuere*.

Por sua vez, conforme relata a *Assidua*, Antônio ficou só, nenhum ministro convidou-o a ingressar em sua província “(...) porque era desconhecido, considerado um noviço de pouca serventia (...)”. Por isso, compadecido, o ministro provincial da Romanha-Emília, frei Graciano Bagnacavallo pediu a frei Elias, Vigário da Ordem, para que o incluísse entre os seus frades, “(...) com o fim de instruí-lo nos rudimentos da formação espiritual (...)”¹⁴, frase essa que, ao nosso ver, denota que ele desejava iniciá-lo no *modus vivendi* da Fraternidade, sobre a qual ele ainda não estava suficientemente a par, dada a sua trajetória de vida, desde que ingressara na comunidade dos Olivais, em Coimbra. Na verdade, não nos parece haver outra hipótese de interpretação daquela frase da *Assidua*, porque Antônio, como ex-cônego agostiniano, já possuía uma boa experiência de vida religiosa compartilhada com seus antigos irmãos de hábito em Sta. Cruz de Coimbra. Frei Bagnacavallo destinou Antônio para o eremitério de Montepaolo.¹⁵

A estada do Menorita olisiponense nesse local, por quinze meses¹⁶, permanece envolta em silêncio, pois nenhum de seus biógrafos se refere a o que teria feito durante esse tempo, mas não é difícil imaginar como procedia.¹⁷

Consideramos que esse período, em contanto com a natureza e um pequeno número de religiosos a quem devia celebrar a missa, de um lado, foi o verdadeiro noviciado de Antônio e sua real inserção na Ordem que substituíra a *Fraternitas* primitiva que ele não conhecera, e de outro, um período de reflexão e meditação sobre todo o vasto conhecimento teológico que havia absorvido em Sta. Cruz de Coimbra e de como pô-lo a serviço dos outros, conforme escrevemos no capítulo precedente.¹⁸

A ocasião para tanto surgiu inesperadamente. Corria o mês de setembro de 1222.¹⁹ Frei Antônio dirigiu-se a Forli para assistir à ordenação de frades Menores e Pregadores. Solicitado pelo superior a pregar-lhes, primeiramente, ele se desculpou, falando que não estava preparado para isso. Assim mesmo, o superior ordenou-lhe que pregasse aos religiosos, e então, o Menorita lusitano obedeceu-lhe²⁰. A pregação foi ao mesmo tempo simples, clara e segura doutrinalmente, a ponto de os presentes ficarem surpreendidos, e em seguida, passaram a indagar como alguém tão douto estava recluso em Montepaolo. “(...) Foi a sua revelação, o fato decisivo que definiria o seu futuro (...)”.²¹ Em seguida,

tendo descoberto sua vocação singular no interior do Menoritismo²², Antônio foi incumbido de pregar por toda a sua província²³, certamente, uma vez mais, com o aval do Vigário Geral da Ordem, frei Elias, e logo, sua fama como pregador exímio, virtuoso e sábio espalhou-se rapidamente.

Passado pouco mais de um ano, o Menorita lusitano recebeu uma cartinha de frei Francisco, em que, chamando-o de *episcopo meo*²⁴, o *Poverello* estimula-o a ensinar teologia para os *fratres* na escola ou *studium* da Ordem em Bolonha²⁵, desde que essa atividade não viesse a extinguir o espírito da oração e da devoção entre os frades²⁶, conforme está estipulado na *Regra Bulada*.²⁷

Atualmente ninguém mais põe em dúvida a autenticidade dessa breve cartinha²⁸, posto que as suas versões mais antigas, dos séculos XIII e XIV, contidas na *Compilazione Avignonese*, na *Chronica XXIV Generalium*²⁹ e na *Chronica Fratris Nicolai Glassberger*, a trazem quase de modo idêntico, sem que se possa pensar que haja um parentesco documental entre elas.

Muitos estudiosos, porém, ainda hoje, equivocadamente, consideram que frei Francisco através dessa carta “(...) concede a Frei Antônio a permissão de “ler” (=ensinar) a Sagrada teologia aos irmãos, nos primórdios da Ordem Franciscana (...)”³⁰.

Entretanto, no mínimo é curioso, para não dizer contraditório que, um pouco mais adiante, Vanboemmel tenha afirmado “(...) Sabemos que, na Idade Média, o ofício da pregação dogmática era um encargo reservado unicamente aos prelados (bispos) e, em alguns casos, também a determinados sacerdotes, desde que estes sacerdotes estivessem devidamente preparados e tivessem recebido uma autorização especial do bispo para esta pregação doutrinal (...)”³¹.

Ademais, a interpretação que, a seguir, esse estudioso oferece à frase ‘*placet mihi*’, desvinculando-a de uma conotação jurídica, parece-nos a mais apropriada “(...) “vai muito além de um simples consentimento a um caso isolado, mas pode tratar-se de um alegre e amplo consentimento do *Poverello* de Assis para que os irmãos, aos quais o Senhor dá a graça de estudar a Sagrada Teologia, realmente fossem santos teólogos que ‘administrassem espírito e vida’ (Test. 13) (...)”³².

Entretanto, julgamos que esse documento deve ser interpretado à luz dos fatos anteriormente referidos, e que, o equivoco que os mencionados estudiosos na nota 28 cometem decorre exatamente disso. Primeiramente, lembremos de que Francisco não era mais o Ministro Geral, e portanto, não podia ordenar a alguém que assumisse a

mencionada função. Aliás, temos presente que, poucos anos depois, na *Quo elongati*, como adiante veremos, Gregório IX respondendo aos frades acerca da obrigatoriedade ou não quanto à observância do *Testamento do Poverello*, estribado no Direito Canônico, afirmou que Francisco, dado que não era mais o Geral da Ordem, legalmente, não podia “legislar” para a mesma.

Naquela altura, com efeito, a Ordem era governada pelo Vigário Geral, frei Elias Bombarone ou de Assis ou de Cortona; outrossim, recordemos que a Regra de 1223, aprovada por Honório III, em de 29 de novembro de 1223, mediante a bula *Solet annuere*, no capítulo IX é claríssima a respeito desse assunto³³, e que o Direito canônico estipulava que a concessão da licença para alguém poder ensinar teologia e pregar numa determinada diocese era da alçada exclusiva do antístite local, no caso específico, do bispo de Bolonha.³⁴ Não cremos que o humilde e obediente Francisco ousaria passar por cima das autoridades episcopal e da Ordem.

Para mais, apoiado em Teodosio Lombardi, julgamos que aquelas palavras tão incisivas da *Regra*, antes, referissem à preparação teológica dos religiosos, possível somente através do estudo, a qual devia ser verificada pelos superiores, do que à ortodoxia dos mesmos.³⁵

Com efeito, dado que muitos jovens estavam ingressando na Ordem, tal fato obviamente requeria que tivessem uma preparação teológica adequada para exercer o ministério sacerdotal, não só como havia preconizado o IV Concílio de Latrão, mas também porque os frades tendo começado a atuar “(...) na região de Rimini, onde os hereges cátaros mantinham pregadores bem formados, começaram sem dúvida a sentir necessidade de sua formação (...)”³⁶.

Ainda reiteramos que, àquela altura, Francisco já tinha se convencido da necessidade e da relevância quanto à preparação teológica e intelectual dos *fratres*³⁷, para bem anunciar a *Boa Nova* aos fiéis, visando a sua *conversio*, pois, de um lado, tal era a missão deles, consoante estipulava a *Regra não bulada* de 1221, capítulo XVII³⁸, aliás, atividade pastoral essa, há muito já consagrada entre os frades, e de outro, essa era a posição defendida por um número bastante expressivo de clérigos cultos que haviam se tornado Menores, estimulados que, ainda eram, por frei Elias.³⁹

Por conseguinte, estamos convencidos de que “(...) *san Francisco vio en san Antonio resuelto en carne viva la grave cuestión de los estudios. Tenía ante a si al hombre que podía adoctrinar a los hermanos en Sagrada Teología, según los deseos de su corazón* (...)”⁴⁰.

O Menorita olisiponense deve, pois, ter começado a exercer sua atividade como professor de Teologia em Bolonha ao final de 1223⁴¹, mas sua permanência aí não foi muito demorada, pois, dada a sua fama de notável pregador, que se espalhou rapidamente, como o atestam as suas *legendae*, segura e certamente com a autorização de frei Elias, foi enviado à *Ocitània* como professor dos confrades e missionário para converter os cátaros⁴².

Pouco depois, durante o capítulo provincial de 1225, ocorrido em 29 de setembro, Antônio foi nomeado guardião do convento de Puy-en-Velay. Tal já era o seu prestígio e a fama de pregador notável que corria entre os confrades que, segundo narra Tomás de Celano O. Min. na *Vita Prima*, (como sabemos, escrita, ainda, em vida do Menorita lusitano), que o *Poverello* se bilocou, aparecendo aos irmãos, e os abençoava, enquanto pregava “(...) *Frei Antônio, a quem o Senhor abriu a inteligência para compreender as Escrituras, e que falava de Jesus a todo o povo com palavras mais doces que o mel e o favo (...)*”.⁴³

Passados alguns meses, Antônio foi convidado pelo arcebispo de Bourges, Simão de Sully a fazer um sermão para os prelados francos, reunidos em sínodo. Sem temor nem constrangimento, o Menorita lusitano o apostrofou duramente, por causa de sua conduta pouco condizente com a missão pastoral que desempenhava.⁴⁴

Em seguida, Antônio foi designado custódio do convento de Limoges, mas a sua estada na *Ocitània*, também não foi longa, pois, durante o Capítulo Geral de Pentecostes, ocorrido em 6 de junho de 1227, ele foi eleito ministro da mais importante província franciscana.⁴⁵

Para além de aquela província ser bastante extensa, e dever ser percorrida a pé pelos franciscanos, conforme determinava a *Regra*, as responsabilidades eram muitas, a começar pela sua administração. A visita aos conventos visava tanto a corrigir os desvios cometidos por certos frades, quanto estimulá-los a preservar fielmente na vocação que tinham abraçado. Outrossim, cabia ao ministro fundar novas casas, se assim o exigissem as circunstâncias; tentar superar todos os empecilhos que prejudicavam os trabalhos pastorais dos religiosos, conforme as diretrizes dos bispos diocesanos, em benefício dos fiéis.⁴⁶

Com certeza, esse labor propiciou a Antônio uma oportunidade especial para inteirar-se da realidade social e religiosa dos inúmeros locais por onde esteve, por exemplo, do fervor religioso dos paduanos⁴⁷ que, permaneciam incólumes ao vírus da heresia cátara que estava intensamente espalhado ao redor daquela cidade, como referimos anteriormente.

Indiscutivelmente, a atração que Antônio exercia sobre todas as pessoas, estribava-se

tanto em sua santidade irradiante quanto em sua sabedoria. Com efeito, os primeiros cronistas relatam que ele habilmente sabia dirigir-se a todos, aos clérigos e aos leigos, aos simples e aos eruditos, aos mundanos e aos virtuosos, aos homens e às mulheres, ainda que o tema da pregação fosse difícil de compreender.⁴⁸

João Rigaud também conta que doze malfeitores, duvidando que Antônio fosse capaz de lhes tocar o coração, disfarçados, resolveram ir ouvir uma de suas prédicas “(...) e, então, tendo ouvido as suas palavras inflamadas, sentiram um forte remorso de seus pecados, ficando a tal ponto arrependidos que, terminada a pregação foram confessar com ele (...)”.⁴⁹

Entretanto, desde a morte de São Francisco, ocorrida na tarde de 3 de outubro de 1226, a Ordem não vivia um período tranqüilo. Acentuava-se cada vez mais a pressão da Santa Sé sobre os frades quanto a se engajarem muito mais intensamente nos projetos pastorais que a mesma tinha para a Igreja/Cristandade, e o novel papa, Gregório IX, Hugolino dei Conti de Segni, antigo Cardeal Protetor da mesma, a troco do apoio e da ajuda que sempre havia lhe dispensado, inclusive no tocante à sua transformação institucional, agora, cobrava deles a contrapartida, posto que estava imbuído de efetivar os projetos de reforma preconizados pelo Concílio de Latrão IV.

A par disso, no interior da Ordem, desde o final da primeira década do século XIII, já havia um número considerável de Menores que, bem preparados teologicamente e dotados com um tino administrativo acurado, animados por um ardente fervor apostólico, julgava que a mesma tinha de servir melhor ainda a Cristo, ao próximo e ao Papado, compartilhando de todos os seus projetos.

Igualmente havia outros grupos de religiosos. Um deles era constituído pelos remanescentes dos primeiros companheiros do *Poverello*, e seus discípulos, os quais eram zelosos defensores do carisma e dos ideais primitivos, nomeadamente, a vivência em simplicidade, isolamento, humildade e pobreza, dos valores evangélicos, contidos na *Regra* e especialmente no *Testamento* de Francisco. Pouco tempo depois, os membros deste grupo irão ser designados por *Zelanti*, os quais foram os precursores dos *Espirituais*.

Um outro grupo de religiosos, não menos numeroso, compreendia aqueles que eram acomodados, relapsos e negligentes⁵⁰, e digamos, infieis à sua vocação Menorita, à semelhança do que se passava no interior das outras congregações.

O fato que detonou a segunda grave crise entre os Menores foi provocado por Frei Elias. Ele descontentava a maior parte dos frades porque era arbitrário, levava uma vida mundana e não convocava regularmente os capítulos anuais, evidentemente, para não vir a

ser censurado pelos confrades.⁵¹

Pouco depois, a maior parte da Ordem, conseguiu convocar um Capítulo geral, a se reunir em Assis, em 6 de junho de 1227, domingo de Pentecostes. Durante aquela assembléia, igualmente, os frades conseguiram eleger o provincial das Espanhas, o virtuoso e íntegro frei João Parenti, Ministro Geral, que exerceu o cargo até 1230.⁵²

Durante aquele triênio, a situação no interior da Ordem não se acalmou, sendo agravada com dois novos problemas. Frei Elias, irmão leigo como o *Poverello*, enquanto exercera o vicariato, havia prestigiado com cargos outros tantos frades de condição semelhante, os quais, não aceitando a deposição do amigo, começaram a perturbar a vida dos conventos e das províncias, exigindo que João Parenti renunciasse ao cargo que ocupava.

Para mais, pouco depois da canonização de São Francisco, efetuada por Gregório IX em Assis, em 16 de julho de 1228, à qual Antônio deve obrigatoriamente ter comparecido, frei Elias foi incumbido de erigir uma basílica e uma tumba em louvor do *Poverello*, provisoriamente, sepultado na igreja de S. Jorge. Igualmente, a Sé Apostólica ordenou que se arrecadassem esmolas com aquele objetivo. Dando o exemplo, pessoalmente, Elias saiu a esmolar, e com certeza, outros frades o imitaram nessa tarefa. Graças ao dinheiro recolhido, em 22 meses, aquela igreja adquirira proporções gigantescas e um aspecto suntuoso. O corpo de Francisco para ela foi trasladado em 25 de maio de 1230.⁵³

Esses fatos desagradaram profundamente a frei Leão e a outros companheiros do *Poverello*, por considerá-los violações explícitas da *Regra*. Por isso, reagindo contra os mesmos, eles protestaram violentamente os atos de frei Elias. Além disso, o grupo liderado por Frei Leão e outros religiosos, julgavam que o *Testamento* de Francisco tinha de ser observado à letra, como norma, tanto quanto a *Regra*, porquanto expressava a vontade do Fundador no tocante à maneira de viver dos frades.⁵⁴

O Capítulo Geral de Pentecostes, reunido em 25 de maio de 1230, também não foi tranqüilo. Em primeiro lugar, abertamente, os partidários de frei Elias tentaram forçar João Parenti a renunciar⁵⁵ ao cargo que ocupava, incidente esse que, embora tivesse fracassado, provocou uma quebra de unidade entre os Menores. Em segundo lugar, não menos acirrada foi a disputa em torno do valor normativo do *Testamento* do *Poverello*, a qual, dividiu, ainda mais, os frades.

Em ambos os episódios, Antônio se destacou como pessoa ponderada e conciliadora. Se foi firme na defesa de João Parenti contra os partidários de frei Elias⁵⁶, por outro lado, não julgava que o *Testamento* devia se revestir de força legal, pois, certamente, “(...) a sua experiência de cônego o tenha incitado a considerar que era inútil e, por

vezes, prejudicial reforçar as prescrições (...) não era a letra que contava mas o espírito. Se os irmãos não o respeitavam, não seria um documento legislativo a mais que os mudaria (...)"⁵⁷.

Em terceiro, face às transformações pelas quais a Ordem estava a passar, os frades continuavam a se perguntar qual era o verdadeiro sentido que se devia atribuir à idéia de pobreza e ao voto correspondente, ainda, como deviam proceder ante outras determinações contidas na Regra.

Como os Menores não tivessem conseguido resolver plenamente essas questões, decidiram enviar uma comissão à Cúria para as apresentar a Gregório IX e lhe pedir as soluções apropriadas. Dessa comissão⁵⁸, além de João Parenti, dos partidários de frei Elias, fizeram parte Antônio de Lisboa, Aimo de Favershan, Gerardo de Rossignol, penitenciário apostólico, Leão de Perego, Gerardo de Módena, e frei Pedro de Brixia que "(...) parece estar mais próximo da proposta original de Francisco (...)"⁵⁹.

Quanto ao primeiro supramencionado problema, o cronista e frade inglês Tomás de Eccleston O. Min. conta que o Pontífice ouviu os partidários de frei Elias, bem como a frei Antônio, que falou em nome da Ordem. Gregório IX deu razão ao Menorita lusitano⁶⁰, o qual permaneceu na Cúria até setembro de 1230, tendo causado enorme impressão no Pontífice, não apenas por sua sabedoria, como também pela prática das virtudes, fato esse que, pouco depois, ele irá recordar na Bula de sua canonização "(...) nós mesmo verificamos pessoalmente a santidade de vida e o admirável exemplo [de Antônio] posto que tivemos a ocasião de tê-lo em nossa companhia e de observar sua conduta louvável (...)"⁶¹.

De acordo com o testemunho da *Assidua*, o Pontífice teria igualmente ficado espantado com o conhecimento que o Menorita lusitano tinha da Sagrada Escritura "(...) O Altíssimo deu-lhe o dom de despertar tal estima nos veneráveis príncipes da Igreja, que o Sumo Pontífice e todo o colégio de cardeais escutaram com devoção ardentíssima seus sermões. De fato, sabia tirar das Escrituras significados tão originais e tão profundos, com notável eloquência, que o próprio papa, com uma expressão muito pessoal, chamou-o de Arca do Testamento (...)"⁶².

Com referência ao valor normativo do *Testamento*, e às demais questões relativas à compreensão da idéia franciscana e menorita de pobreza, o papa viu-se numa situação desconfortável, conquanto conhecesse muito bem o que se passava no interior da Ordem, e certamente, tanto não queria que a mesma se descaracterizasse completamente, ficando sob a liderança dos frades acomodados, quanto não achava bom que ela viesse a ser dirigida pelos mais exacerbados defensores da pobreza e do estilo de vida que marcara a *Primavera*

franciscana.⁶³

Enfim, o papa tomou sua decisão em 28 de setembro de 1230, através da bula *Quo elongati*⁶⁴. Em primeiro lugar, alegando que conhecera muito bem quais eram as intenções de Francisco e que o havia ajudado a elaborar a Regra de 1223, e igualmente, manejando princípios jurídicos que conhecia muito bem, Gregório IX determinou que o *Testamento* carecia de força legal para obrigar os frades a observá-lo.⁶⁵ Todavia, considerava que esse documento tinha um enorme valor espiritual para a Ordem.

Um pouco mais adiante, o Pontífice passou a esclarecer as dúvidas dos frades quanto à proibição de receber dinheiro, conforme a *Regra* determinava⁶⁶, e à vivência da pobreza, permitindo-lhes, por exemplo, através de intermediários e ou *amigos espirituais*, adquirir e pagar coisas necessárias e iminentes ao seu cotidiano; quitar as que já tinham sido compradas e receber esmolas.

A seguir, posto que alguns frades propalavam que a Ordem tinha o direito de propriedade em comum sobre os bens materiais móveis e imóveis, reiterando o que a *Regra* estipulava sobre a renúncia total dos Menores aos direitos de propriedade em comum e individual sobre tais bens⁶⁷, Gregório IX assegurou-lhes, apenas, o direito de uso das casas, dos livros e de outros objetos indispensáveis ao cotidiano, e proibiu os dirigentes da mesma de vendê-los, salvo com autorização expressa do Cardeal protetor.⁶⁸

Um outro ponto interessante tocado na *Quo elongati*, se refere ao pedido que os frades apresentaram ao papa, quanto ou ser facultado a especialistas em geral, ou a alguns deles, vivendo nas várias províncias, o direito de examinar a proficiência em teologia e nas *artes predicandi* daqueles frades destinados a anunciar a *Boa Nova*, tarefa essa, como vimos antes, segundo determinava a *Regra*⁶⁹, de responsabilidade do Ministro Geral.

O Pontífice disse que aquela determinação da *Regra* continuava plenamente em vigor, porém, estavam isentos do tal exame aqueles frades que tivessem freqüentado um *studium* teológico e atendessem aos outros requisitos técnicos, psicológicos e morais para desempenhar aquele *ministerium* pastoral⁷⁰, medida essa que, ao nosso ver, não só estava em perfeita consonância com os cânones do IV Concílio de Latrão, particularmente o 10º, e o seu projeto pastoral de evangelização e de reforma dos costumes da *Ecclesia/Christianitas*, pelos quais Gregório IX sentia-se o principal responsável, como também oficializava a implantação de *studia* no interior da Ordem, onde os todos frades deviam se preparar bem para o *ministerium* sacerdotal.

Ao nosso ver, outro ponto importante que Gregório IX aditou à *Regra*, na bula em apreço, em vista da dúvida que, segundo ele, tinham os religiosos, foi no que concerne a

quem competia o direito de eleger o Geral, ante o falecimento repentino do titular do Cargo. Na verdade, a *Regra* determinava que, ao ficar vago tal cargo, sem indicar as várias hipóteses para tanto, salvo a falta de idoneidade do Ministro para exercê-lo, tal eleição devia ser realizada “*pelos ministros províncias e custódios*”⁷¹. De fato, centralizando o governo da Ordem na mão dos provinciais e restringindo o espírito democrático primitivo, o Pontífice limitou para um, o número de custódios que devia com parecer ao Capítulo.⁷²

Portanto, respondendo às dúvidas que pairavam na mente dos frades quanto ao espírito do franciscanismo, adaptado à situação histórica daquele momento, e à missão pastoral dos mesmos, entendemos que, mediante a *Quo elongati* acima de tudo, o Pontífice não apenas, queria uma Ordem unida e coesa ao seu lado, mas também que dispusesse de todos os meios, condições e recursos possíveis⁷³, para levar adiante seus projetos para *Igreja/Cristandade*, num momento em que ela estava sendo questionada pelos adeptos do catarismo, acossada por Frederico II e corrompida pelos maus costumes dos clérigos e dos leigos, ainda que “*(...) os verdadeiros e primeiros discípulos de São Francisco dificilmente poderiam aceitar as interpretações dadas à Regra por Gregório IX (...)*”⁷⁴.

Outrossim, julgamos que essa virada na história da Ordem, provocada pela *Quo elongati*, a par da dinâmica inexorável dos acontecimentos, veio a ratificar oficialmente o processo de mudança pelo qual já passava o franciscanismo puro, idealista, primitivo e heróico da Úmbria e das vizinhanças, para o Menoritismo clericalizado e eclesializado da Itália Setentrional⁷⁵, isto é, de um lado a Congregação, como um todo, mantinha as características e os princípios originais e gerais norteadores da *Fraternitas*, tendo como motivações básicas imitar o Cristo e os Apóstolos pobres, individual e comunitariamente, e anunciar a *Boa Nova*, mas de outro, os frades tinham de viver tal pobreza e os demais propósitos contidos na *Regra*, conforme a Sé Apostólica os compreendia⁷⁶ e, incondicionalmente, se colocar à disposição da mesma, com vista à efetivação concreta de seus projetos pastorais.

Por isso, sob os aspectos terminológico e cronológico, discordamos de Luciano Bertazzo OFM Conv., ao dizer “*(...) Que função teve Antônio na missão romana ? Não temos documentos. Pode-se imaginar que Antônio tenha estado bem próximo à posição dos espirituais de interpretação da Regra, ainda que não em sentido rigorista, propenso à proposta de mediação pastoral que o papado estava pedindo exatamente naqueles anos à Ordem Franciscana (...)*”⁷⁷, e um pouco mais adiante, referindo-se às novas tendências interpretativas quanto ao franciscanismo do Frade lusitano “*(...) Outra sugestão proposta é o relacionamento com os Espirituais que de Antônio tomam muitas idéias e opiniões (...)*”⁷⁸.

De fato, *Zelanti* é o termo comumente usado pelos estudiosos da história da Ordem para designar o grupo de franciscanos que, desde aquele momento, liderados por frei Leão e frei Cesário de Espira, se notabilizaram como fiéis observantes da pobreza e do estilo de vida original da *Fraternitas*, tal como o *Poverello* os concebia. Os *Espirituais*, herdeiros dos mesmos, como grupo, irão surgir alguns decênios mais tarde.⁷⁹ Para mais, especialmente, no que concerne à segunda asserção, pensamos que, para comprová-la, é preciso recolher todas as passagens dos *Sermones* em que Antônio tratou da idéia de *pobreza* e de outros assuntos correlatos com a mesma, e cotejá-las, ao menos, com os textos sobre essa matéria, da lavra dos principais “líderes” desse grupo, entre outros, Hugo de Digne, Pedro de João Olivi, Conrado de Offida, Jacopone de Todi, Bernardo Delicieux, Ângelo Clarenó e Ubertino de Casale.

De fato, se a princípio o movimento de Francisco não estava rigidamente estruturado, o que facilitava a absorção das ricas experiências singulares de vida dos novos membros, alguns anos depois, face à própria expansão da *Fraternitas*, isso deixou de ser quase espontâneo, e então, essas contribuições passaram a ser dadas por aquelas pessoas que se distinguiam entre os confrades por uma série de qualidades, ou sob a perspectiva religiosa, por seus carismas.

Com respeito, a frei Antônio, conquanto, certamente não tenha sido o único caso isolado, eles podem ser resumidos nos seguintes aspectos a) o amor à Palavra de Deus, estudada, meditada e vivida permanentemente; b) a coerência entre a pregação da doutrina e o testemunho de vida; c) a capacidade de ver e entender a ação de Deus na História singular das pessoas e da sociedade, e de ouvir os Seus apelos; d) a disponibilidade quanto a responder-lhes, mediante as inúmeras tarefas inerentes ao *ministerium* sacerdotal que desempenhou, sempre, vinculadas ao espírito de ‘*oração e devoção*’, em proveito do próximo, da Ordem e da *Ecclesia/Christianitas*.

Sob tal ótica é fácil, então, compreender o papel destacado que o Menorita olisiponense desempenhou nesse processo de mudança da Ordem⁸⁰, bastando ter presentes as atividades que exerceu como missionário, pregador, professor, escritor, administrador e representante dos confrades, tarefas essas nitidamente marcadas por dois objetivos interligados, um deles, bem explícito em sua *opera* sermonária “(...) *levar seus ouvintes a um rápido processo de conversão (...) à mudança de comportamento, através do modelo: contrição-confissão-satisfação-consumação (...)*”, o outro, imbricado no contexto histórico, participar ativamente do “(...) *projeto de reforma da Igreja (...) segundo as necessidades religiosas (...) inserido em um plano (...) dentro de uma programação eclesial, anteriormente elaborado e, certamente, por outras pessoas ou organismos (...) coordenada a partir do Papa (...) Com isto (...) se torna um protótipo da linha que se manifestava vitoriosa na fraternitas, quer dizer, de uma ação pastoral*

eficaz num determinado momento da história da Ordem e da Igreja (...)”⁸¹.

Noutras palavras, estamos convencidos de que Antônio⁸² e outros tantos companheiros *Minores*⁸³ de estirpe semelhante, sentiram que esse era o chamamento que Jesus Cristo lhes havia feito, destinando-lhes tal missão sacerdotal, quer dizer, anunciar a *Boa Nova*, através da pregação no meio urbano⁸⁴, estimulando os fiéis a converter-se e a contribuir para a construção do Reino.⁸⁵

Este nosso ponto de vista, parece ser confirmado pelo próprio Menorita olisiponense, o qual, referindo-se aos próprios confrades, designados por seu primitivo nome, diz que é muito mais árduo exercer o ministério sacerdotal e, ao mesmo tempo, ser religioso no mundo, isto é, junto das pessoas, e por conseguinte, mais meritório, do que afastado dele, como o fazem os monges e os demais clérigos regulares “(...) *simbolizam os penitentes, pobres de espírito que mortificam o corpo (...) que possuem a humildade no coração para reprimir o tumor da soberba, o candor da castidade no corpo e o perfume da boa reputação. O campo é o mundo (...) em que manter a flor é tão difícil como glorioso. No deserto florescem os eremitas (...) Florescem em jardim fechado os claustrais (...) Mas é mais glorioso para os penitentes florescer no campo, no mundo, onde facilmente perece a dupla graça da flor, a saber, a beleza da boa vida e o perfume da boa opinião (...) [pois] no campo (...) a luta é contínua, desencadeada pela carne, pelo mundo e pelos demônios (...)*”⁸⁶.

Por isso, não podemos compartilhar do ponto de vista de L. Iriarte OFM Cap. ao afirmar “(...) *Viene la sospecha de que, después de la promulgación de la bula Quo elongati, considerada como una victoria del partido evolucionista, Antonio no pudo ocultar ante el papa su decepción. Gregorio IX lo veneraba como santo, como teólogo y como predicador, pero es posible que en aquel momento decisivo para la evolución de la orden, juzgara más prudente alejarlo de las responsabilidades de gobierno. En el fondo el pontífice estaba de la parte de Eliás y de sus sostenedores (...)*”⁸⁷, porque se assim, realmente, tivesse sido, não havia óbice algum em o papa destituir João Parenti do cargo de Ministro Geral e designar Elias de Cortona para o mesmo.

Ao que parece, Raul Manselli foi o primeiro investigador a, recentemente, chamar a atenção para o relevante papel desempenhado por Antônio de Lisboa no destino da Ordem, naquele momento. Com efeito, no Congresso antoniano, ocorrido em Pádua em 1981, apresentou uma comunicação e um texto correspondente, intitulando-os por “*La Coscienza Minoritica di Antonio di fronte all'Europa del suo tempo*”⁸⁸, e não a ‘Consciência Franciscana de Antônio...’.

Inicialmente, referindo-se àquela época, Manselli caracterizou-a como um momento

de inquietações e anseios sociais e espirituais, manifestos, especialmente, nos movimentos religiosos populares ortodoxos e heterodoxos que exigiam tanto uma reforma dos costumes do *Ordo clericorum*, quanto uma mudança nas ações pastorais da Igreja, em relação àqueles anseios.⁸⁹

Em segundo lugar, o mencionado estudioso ressaltava que, consoante as aspirações populares, essa reforma dos costumes clericais devia incidir sobre dois aspectos, ambos alicerçados na doutrina cristã, renúncia ao poder político e renúncia às riquezas, os quais eram sérios obstáculos ao crescimento espiritual, à ascese dos clérigos.⁹⁰

No entender desse estudioso, o Papado percebeu bem essa situação e, mediante o IV Concílio de Latrão, decretou medidas apropriadas, um programa, tanto para reformar os costumes e a vida religiosa do clero e da sociedade, quanto para criar as condições de preparação teológica e pastoral de seus ministros.

Em seguida, aludindo a Antônio e à sua maneira de ser, à sua *opera* sermonária e à sua adesão à Ordem dos Menores, Manselli afirmou “(...) Antonio (...) fu sinto ad accettare la proposta religiosa di Francesco (...) non perchè teologicamente importante, ma perchè offriva una risposta alle esigenze spirituali che proprio la coscienza teologica gli aveva posto. Il rimanere canonico a Coimbra significava per Antonio (...) il rischio di entrare in una società clericale, di cui vedeva e comprendeva in pieno i defeti, anzi, le colpe, e di cui non voleva essere partecipe (...) Da quest’angolazione assume un significato preciso la polemica di Antonio contro la superbia e la ricchezza del clero e spiega quella, che ritengo, possa dirsi, senz’altro la sua conversione (...)”⁹¹.

Enfim, arrematando suas considerações acerca do que estamos a tratar, Manselli declarava “(...) Su un terzo piano acquisita rilievo (...) il senso della necessità di portare agli altri il risultato delle proprie riflessioni e della propria nuova, raggiunta coscienza di responsabilità verso gli altri, verso i fedeli in particolare (...) Tutto questo è coscienza minoritica nel senso che la soluzione che Francesco aveva trovato per la sua crisi spirituale e per la sua conversione, attingeva i momenti più profondi di una crisi che non era e non rimaneva individuale, ma che veniva sentita in modo diffuso e, nel caso di Antonio (...) com intensità senza pari (...)”⁹².

Por isso, à guisa de síntese destas nossas reflexões, a fim de que imprudentemente não se pense que Antônio tenha sido um dos primeiros líderes menoritas a desviar de rumo o movimento de Francisco, de um lado, reiteramos que ele em tudo que fez conservou fielmente o espírito de santa ‘oração e devoção’ que o *Poverello* pediu-lhe que mantivesse e estimulasse entre os frades, na condição de professor, ao prepará-los para o *ministerium* da pregação, e de outro, tenhamos presente que a união, a afinidade e

a continuidade entre ambos ocorreu justamente nas atividades da missão itinerante a serviço do outro, do anúncio do *Evangelho*, dando ênfase especial à pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus e Redentor, feito homem pobre e humilde, pregação essa com vista à *conversio*, à mudança de vida, dos hereges, e dos fiéis, clérigos e leigos, com o propósito de construir uma *Cidade Terrestre* melhor, cada um deles, porém, tendo agido conforme as respectivas maneiras de ser e os carismas que haviam recebido do Alto, e de acordo com o que tinham compreendido a *Ecclēsia/Societas Christiana* e o grupo religioso a que pertenciam e as transformações que neles estavam a ocorrer.⁹³

Tendo, pois, concluído sua missão na Cúria Romana, conforme tinha sido acertado durante o sobredito Capítulo de 1230, de acordo com o relato da *Assidua*, “(...) *o Servo de Deus Antonio (...) foi autorizado pelo Ministro Geral a pregar em qualquer lugar (...)*”, tendo ele optado por regressar a Pádua, onde “(...) *noutra ocasião, isto é, quando compunha os Sermões dominicais, havia [aí] fixado residência (...) e tinha sentido a fé sincera dos cidadãos a quem se afeiçoou, atraído por sua admirável devoção, nem bem foi liberado do governo da Província, decidiu prontamente a visitá-la (...)*”⁹⁴.

Aí, entre o começo de fevereiro e meados de abril do ano seguinte, Antônio pregou aos fiéis todos os dias, em preparação à Quaresma que se avizinhava.⁹⁵ Após esse mister, dedicava horas a ouvi-los em confissão.⁹⁶ Para mais, consagrou o restante do tempo de que dispunha, para socorrer os pobres e marginalizados e para começar a redigir seus *Sermones Festivi*.

Meses depois, em Arcela, arrabaldes de Pádua, à semelhança do que havia ocorrido, onze anos antes, nos Olivais, periferia de Coimbra, quando resolveu tornar-se frade Menor, em 13 de junho de 1231, ainda estressado pelo enorme esforço pastoral que havia feito, e enfraquecido pela hidropsia⁹⁷, Antônio entregou sua alma ao Criador. Onze meses mais tarde, em 30 de maio de 1232, na catedral de Espoleto, Gregório IX o declarava Santo Antônio.

NOTAS

¹ Professor Titular aposentado da Universidade Federal de Goiás- Goiânia, Brasil; professor participante do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUC-RS; co-orientador do Programa de Mestrado Interinstitucional (MINTER) em História UnB/UEG para o biênio agosto-julho 2000/2002, doutorando em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa.

² A. G. PILONETTO OFM Cap., “Santo Antônio de Pádua e Lisboa Aspectos biográficos”, *Cadernos da ESTEF*, 14 (1995): art. cit., pág. 9: “(...) “*Quem recebeu Fernando na Ordem dos Frades Menores foi o provincial da Espanha e futuro ministro geral, João Parenti (...)* Como, nesse

tempo, ainda não havia ano de noviciado, Fernando fez logo sua profissão definitiva e passou a chamar-se pelo nome de Frei Antônio, homenagem ao padroeiro do eremitério dos frades, S. Antão (...)”.

³ Ildelfonso SILVEIRA OFM, “Santo Antônio Evangelizador ‘Poderoso em obras e palavras’”, REB (1995), pág. 119: “(...) A *Assidua*. Escrita pouco depois da canonização (1232), parece não depender de outra fonte escrita. É fonte das fontes. Tão fundamental que, às vezes, é retomada quase integralmente pelas que a seguem no tempo, ou é completada com novos dados, sobretudo milagres. É muito concisa (...)”. E um pouco mais adiante, às págs. 121-122, 123, 124, 125: “(...) É louvável o esforço de biógrafos modernos de S. Antônio, ao passarem pelo crivo da crítica dados cronológicos, geográficos e outros das antigas biografias, com a finalidade de apresentarem um S. Antônio o mais real e histórico possível, com fontes tão incompletas (...) mas (...) não coincide com as preocupações dos biógrafos medievais (...)” “Há nítida diferença entre [ambas] (...) A moderna usa o método indutivo, partindo dos fatos da vida, cronologicamente organizados, para chegar ao íntimo da personalidade do biografado. A medieval parte de princípios gerais, baseados, por exemplo, na teologia na espiritualidade, em dados bíblicos, etc. e procura comprová-los através de episódios da vida do santo, vezes muitas verídicos e, em muitos casos, duvidosos e mesmo lendários (...) Preocupações com exatidão histórica e com todo o desenrolar da vida humana do santo não eram o lado forte dos biógrafos. Fora assim, saberíamos muito mais, por exemplo, sobre a família do santo e sua vida como cônego de Santo Agostinho (...)”.

⁴ Henrique P. REMA OFM, “Resposta de Santo Antônio à vocação franciscana”, *Itinerarium* 154 (1996), pág. 124: “(...) Na época era mais fácil fazer um frade do que hoje. Só pela bula *Cum secundum consilium sapientis*, dada em Viterbo a 22 de setembro de 1220, se tornou obrigatório o noviciado. A tomada de hábito correspondia à profissão (...)”.

⁵ *Assidua*, cap. 6 (a tradução é nossa) “(...) Obtida licença, logo partiu para a terra dos Sarracenos. Mas o Altíssimo, que conhece os corações dos homens, opôs-se aos seus projectos e ferindo-o com grave doença, mortificou-o durante todo o inverno. Depois de verificar que nada podia cumprir de quanto se propusera, viu-se obrigado a regressar ao solo pátrio para ao menos recuperar a saúde corporal. Quando, porém, o navio se dispunha a aportar na Hispânia, o ímpeto dos ventos arremessou-o para as partes da Sicília (...)”.

⁶ A. G. PILONETTO OFM Cap., art.cit., pág. 9: “(...) Desembarcou em Messina onde foi acolhido pelos frades menores do lugar (...)”. Cfr. também G. ODOARDI OFM Conv. “S. Antonio e frate Elia un ricordo nelle ricorrenti commemorazione antoniane”, *Miscellanea Francescana* 96 (1996), pág. 269: “(...) Giunge invece sulle coste spagnole e poi su quelle siciliane, di Milazzo, a nord, di Taormina ad est, secondo tardive tradizioni, ma sempre nell’ambito dell’attuale Provincia di Messina, città e relativo convento francescano dove Antonio certamente soggiornò (...)”.

⁷ F. RAPP, “A resposta de Santo Antônio às expectativas do seu tempo”, *Itinerarium* 154 (1996), pág. 19: “(...) Os irmãos que aí encontrou levaram-no ao Capítulo Geral, que no ano de 1221 seria

duma importância decisiva (...) As tensões já se manifestavam opondo 'simples' e 'letrados'. Antônio, perdido numa multidão dumas três mil pessoas, foi testemunha silenciosa, solitário no meio de apaixonados debates (...)". Cfr. também L. BERTAZZO OFM Conv., "Santo Antônio nas Fontes Franciscanas e sua inserção no pauperismo evangélico-minorítico das origens", in *Antônio, homem evangélico na América Latina, Compilação das Conferências apresentadas no 1º Congresso Antoniano Latino-Americano*, Santo André, Ed. Mensageiro de Sto. Antônio, 1996, pág. 17: "(...) *Em Assis a sua presença está quase que completamente escondida, no Capítulo das Esteiras de 1221- momento fundamental da história do franciscanismo, que assinalou a passagem de 'movimento' para 'Ordem'(...) com o seu projeto apostólico concretizado na organização das primeiras correntes missionárias, cuja narração foi-nos vivamente transmitida por Giordano de Giano (...)*"; e ainda, Idem, "La testimonianza di sant'Antonio e il nostro tempo", *Actas, Congresso Internacional Pensamento e Testemunho, 8º Centenário do Nascimento de Sto. Antonio*, vol. I, UCP/Família Franciscana Portuguesa, Braga, 1996, pág. 215: "(...) *Giordano da Giano ci ha lasciato la vivida cronaca della storia delle correnti missionarie del primo francescanesimo, e specificamente di quella diretta verso i Paesi nordici a cui lui stesso partecipò. Ma non diversa, per quanto non cronachizzata, dovette essere la corrente apostolico-missionaria che si andava organizzando verso la Padania e la Francia (...) Dire Provincia Romandiola, significava dire Bologna dove i primi fratri erano presenti dal 1211 (...)*".

⁸ In São Francisco de Assis Escritos e biografias de São Francisco de Assis Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano, traduções de David de AZEVEDO OFM e Orlando dos REIS, Petrópolis, Vozes/CEFEPAL do Brasil, 1981. capítulo 27, pág. 329-330: "(...) *tratou logo de ser o primeiro a eliminar o edificio. Subiu ao telhado e com mão forte pôs abaixo telhas e cobertura. Mandou os frades subirem para acabar de uma vez com aquele monstro contrário à pobreza...teria acabado de uma vez com o prédio, se os soldados que lá estavam não tivessem dito que pertencia à comuna e não aos frades, acalmando assim o fervor de seu espírito (...)*". Cfr. também *Legenda Perusina 11*, na mencionada edição, páginas 738-739.

⁹ LP 114, na sobredita edição, pág. 844: "(...) *chamado das Esteiras, no qual se juntaram cinco mil frades, muitos dos quais notáveis pela ciência e doutrina (...) foram vários pedir ao senhor Cardeal [Hugolino] que convencesse o bem-aventurado Francisco a aceitar as sugestões desses frades e a deixar-se guiar por eles. Faziam referências às regras de S. Bento, Santo Agostinho e S. Bernardo, que prescrevem isto e aquilo para a vida regular. O bem-aventurado Francisco (...) disse: 'Irmãos meus, irmãos meus, o Senhor convidou-me a seguir a via da humildade e mostrou-me o caminho da simplicidade. Não quero que me faleis noutra regra (...) O Senhor me disse que queria fazer de mim um novo louco no mundo, e não quer conduzir-nos por outro caminho senão por esta sabedoria. Pela vossa ciência e sabedoria Ele vos confundirá...'(...)*".

¹⁰ Segundo o cronista Jordão de Jano O. Min., foi o amigo Cesário de Spira O. Min. quem inseriu nessa *Regra* os passos das *Escrituras* apropriados para fundamentá-la.

¹¹ L. IRIARTE OFM Cap., "Postura de san Antonio ante la primeira evolución de la Orden", *Estudios Franciscanos* 97 (1996) pág. 223: "(...) *Crecida, sin embargo, la fraternidad y venida a menos la*

calidad vocacional, el año de prueba se hizo indispensable (...)". A determinação pontifícia está na bula *Cum secundum concilium sapientis*, in *Bullarium. Franciscanum*, vol. I, pág. 6, cujo texto (a tradução é nossa) é o seguinte: "*Honório, bispo, servo dos servos de Deus, aos diletos filhos superiores e custódios dos irmãos menores, saúde e bênção apóstólica.*

1. Segundo o conselho do Sábio, nada se deve fazer sem reflexão [Pr 13,16], a fim de que não aconteça que, depois, devamos arrepender-nos. Daí ser oportuno para quem quer que tenha a intenção de efetuar um propósito de vida mais perfeita, que seus olhos precedam a seus passos, quer dizer, que meça as próprias forças com o critério da prudência, para que não suceda, Deus não o permita, que aspirando coisas mais excelsas, seu passo não se torne vacilante [Sl 65, 9] e retroceda, destinado a ser transformado em estátua de sal [Gn 19, 26], insípida, porque não foi capaz de avaliar o sacrifício de si mesmo que queria oferecer a Deus, com o sal da sabedoria. Com efeito, do mesmo modo como o sábio chega a ser insípido se não tem fervor, assim também, quem é fervoroso cobre-se de confusão se não tem sabor.

2. Por isso, quase em todas as formas de vida religiosa está prudentemente estabelecido que todos que tenham a intenção de abraçar a observância regular, experimentem-na durante algum tempo e nela sejam provados, para que depois não tenham motivos para arrepender-se, os quais não poderia desculpá-los da imputação de ligeireza.

3. Por conseguinte, com a autoridade inerente nesta carta, proibimos que admitais alguém na profissão de sua Ordem, se antes não tiver feito o ano de provação. E uma vez tendo feita a profissão, nenhum irmão se atreva a abandonar a Ordem e a ninguém seja lícito admitir aqueles que abandonaram a Ordem.

Ademais, proibimos que nenhum de vós possa deixar tal obediência com o hábito de sua religião e corromper a pureza de sua pobreza. Se alguém, pois, presumir que pode fazer isso, seja-vos lícito impor a tal irmão as censuras eclesiástica até que tenha se arrependido.

Portanto, a ninguém seja lícito de alguma forma violar forma este escrito relativo a nossa proibição e concessão, quer dizer, temerariamente proceder contra ela. Se, pois, alguém tem a presunção de fazê-lo, saiba que incorrerá na indignação do Deus Todo Poderoso e dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo.

Dado em Viterbo em 22 de setembro de 1220, no quinto ano de nosso pontificado".

¹² David de AZEVEDO OFM, "O Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores em 1221 na vida de Santo Antonio", *Actas, Congresso Internacional Pensamento e Testemunho*, ed. cit., vol., II: 824-825. O. BERNARDI OFM, "O Franciscanismo de Sto. Antônio", *Cadernos do IFAN*, 18 (1997), Universidade São Francisco, Bragança Paulista, 1997, pág. 63, com quem concordamos, em parte, realça ainda mais a situação reinante no interior do movimento franciscano, àquela altura, dizendo o seguinte: "(...) Foi nesse capítulo que se manifestou, com clareza, a mudança de rumo gerando desde então uma tensão que (...) não mais desaparecerá da Ordem franciscana (...) Em consequência formaram-se dois grupos: uns buscavam, com intensidade, guardar zelosamente as características originárias; outros, através de uma presença cada vez maior do elemento clerical, tentavam dar uma configuração diferente à fraternitas (...)". No entanto, o autor se esquece tanto de um grupo numeroso de frades que não deve ter abraçado uma ou outra das tendências que ele alude, quanto, igualmente, dum outro, não menos numeroso, que não levava à risca os ideais e os votos evangélico-pauperísticos do Fundador, grupos esses que, se não exerciam diretamente uma influência sobre o Movimento, dele faziam parte e o afetavam. Inúmeros, aliás, são os exemplos,

acerca do que estamos a referir, que podem ser encontrados na *Segunda Vida de São Francisco*, de Tomás de CELANO O. Min., na *Legenda dos Três Companheiros* e na *Legenda Perusina*.

¹³ N. FALBEL, *Os Espirituais Franciscanos*, São Paulo, EDUSP/Perspectiva, 1995, págs. 25-27: “(...) No outono de 1222, acompanhado de frei Leão, seu íntimo amigo e secretário, juntamente com outro frade, Bonifácio de Bolonha, (...) se recolheu ao eremitério de Fonte Colombo, no vale de Rieti, em busca de paz, para elaborar uma nova Regra. Ao ficar pronta, (...) parte dos frades achou-a muito rígida, e, por fim, quer deliberadamente ou não, essa Regra acabou sendo perdida, ou talvez destruída pelo próprio Elias. Mais uma vez Francisco voltou ao eremitério para elaborar a Regra; porém desta vez levou-a diretamente ao cardeal Ugolino, que provavelmente fê-lo modificar algumas partes (...)”.

¹⁴ Ed. cit., cap. 7, pág. 31.

¹⁵ Teodosio LOMBARDI OFM, “Sant’ Antonio di Padova Maestro di Teologia a Bologna. Il problema degli Studi Agli Inizi dell’Ordine Francescano”, *Atti del Congresso Internazionale di Studio sui Sermones di S. Antonio di Padova*, a cura de Antonino Poppi, Pádua, Ed. Messaggero, 1982, pág. 810.

¹⁶ Henrique P. REMA OFM, “Resposta de Santo Antônio à vocação franciscana”, *Itinerarium* 154 (1996), pág. 128: “(...) de Junho de 1221 a 24 de Setembro de 1222(...) O retiro de Monte Paulo completou a experiência de frade menor de Antônio. Por ínvias sendas, o Senhor mostra (...) o que pretende dele (...)”. Cfr. também Patrício GRANDON OFM “Santo Antônio de Pádua: espiritualidade e pensamento” in *Antônio, homem evangélico na América Latina*, ed. cit., pág. 36: “(...) Todos os acontecimentos que lhe sucedem (...) vão-lhe ajudando a descobrir o projeto de vida ‘segundo a forma do Santo Evangelho’, que é a proposta central do movimento franciscano. Outra oportunidade foi ainda concedida a Antônio para aprofundar, na prática, o espírito franciscano: o tempo que ficou em Montepaolo, para onde foi enviado (...)”.

¹⁷ A. G. PILONETTO OFM Cap., art. cit. pág. 10: “(...) para o eremitério de Montepaolo, perto de Forlì, onde passou 15 meses na solidão contemplativa e no trabalho braçal: levando panelas, fazendo limpeza, cultivando a terra. Quando podia refugiava-se numa caverna da montanha para mergulhar mais profundamente na contemplação. Com ele viviam outros cinco irmãos. Foi nesse eremitério que ele fez seu ‘noviciado’ de inculturação franciscana e pôde refletir e reavaliar, diante de Deus, os acontecimentos que vinham se precipitando em sua vida (...)”. Cfr. também Martí ÀVILA, “Alguns aspectos de la vida de Sant Antoni de Pàdua”, *Recerca*, 8 (1995), pág. 13: “(...) És enviat a l’eremitori de Monte Paolo, a prop de Forlì. És important esmentar aquesta etapa d’Antoni; una etapa realment profitosa. Antoni aquí trobà la serenor, la pau, la pregonesa del silenci, de la mateixa vida, sobretot després d’haver-se sentit un fracassat, un derrotat. Finalment ha pogut reconciliar-se amb si mateix; ha descobert què significa ser frare menor (...)”.

¹⁸ Cherubino da LONIGO OFM, “Dio in sè e nelle sue opere secondo S. Antonio”, *S. Antonio Dottore*

della Chiesa, *Atti delle due settimane antoniane tenute a Roma e a Padova nel 1946*, Vaticano, Poliglota Vaticana, 1947: 339-340: “(...) *La solitudine di Montepaolo (...) gli servì di ambiente quanto mai propizio per un raccoglimento spirituale intensissimo. Là egli, ripensando quanto aveva studiato, penetrava sempre maggiormente quanto aveva assimilato come discepolo e si preparava a discendere, per presentarsi come Maestro (...) Così Antonio lo domandava alle selve, ai prati, all’acqua, al vento, alle stelle, a tutta la natura sulla quale e nella quale vedeva mirabilmente le vestigia del Creatore e leggeva l’opera continua della sua Provvidenza (...)*”.

¹⁹ F. COSTA OFM Conv., “Sulla natura e la cronologia dei sermoni di Sant’ Antonio di Padova”, *Il Santo* 39 (1999), pág. 31: “(...) *il rito dell’ ordinazione sacerdotale dovette haver luogo il sabato delle Tempore d’ autunno, giorno allora destinato alle sacre ordinazioni, quindi il 24 settembre 1222 (...)*”.

²⁰ L. BERTAZZO OFM Conv., art. cit. págs. 24-25: “(...) *É significativo o contexto com a presença de um grupo de dominicanos natos institucionalmente para a pregação, que cedem a palavra a um simples franciscano, obrigado a falar pela obediência imposta pelo superior (...) Ele, ‘heremi cultor’ que como cônego não tinha sido formado para ser um pregador itinerante, é obrigado pela obediência – gesto que caracteriza mais a vida monástico-canonical – do que a vida do movimento pauperístico franciscano – que o leva a frequentar as estradas da pregação do Evangelho (...)*”. Fidêncio VANBOEMMEL OFM “A Santo Antônio, “Meu Bispo” (Carta de São Francisco a Santo Antônio de Pádua)”, *Grande Sinal Revista de Espiritualidade* 49 (1995), pág. 206, equivocou-se cronologicamente ao afirmar: “(...) *Ele revela de forma surpreendente seus dotes de grande pregador, fundado numa sólida preparação doutrinal, quando em 1221, foi convidado a pregar numa ordenação sacerdotal, em Forli, na Itália (...)*”.

²¹ A. G. PILONETTO OFM Cap., art. cit., pág. 10.

²² Patrício GRANDON OFM, art. cit. págs. 36-37: “(...) *sua espiritualidade e seu pensamento enraízam-se naquilo que costumamos chamar de ‘Deus da história’. É o Deus que fala pelos acontecimentos históricos, para alguns ‘fortuitos’, para outros ‘gratuitos’. Deus já tinha falado a Fernando através da Palavra estudada, meditada, contemplada e praticada durante o tempo passado com os agostinianos. Este falar de Deus junta-se agora aos fatos históricos da vida de Antônio (...) Isso consolida, no Santo, a espiritualidade e o pensamento acerca da contemplação da história, à luz da Palavra e da própria vida, como fontes geradoras de respostas, também históricas...adequadas às circunstâncias do tempo e do lugar (...)*”.

²³ F. RAPP, art. cit., pág. 19: “(...) *Antônio deixou o eremitério. Ficou encarregado de pregar por toda a província, de Génova a Veneza e do Friul a Rimini. As viagens que realizou nestas zonas onde as heresias cátara e valdense estavam profundamente enraizadas (...) demonstravam ao Português, habituado a ver os adversários do Cristianismo fora das fronteiras da cristandade, que um perigo tão terrível como o islão ameaçava a Igreja no seu interior (...)*”. Cfr. também A. G. PILONETTO OFM Cap., art. cit. pág. 10: “(...) *A necessidade de pregadores era premente, na época, devido ao avanço assolador das heresias (...) O aparecimento do novo pregador foi*

como o achado de um tesouro e sua designação para o ministério da pregação abriu campo a uma surpreendente epopéia como missionário popular itinerante(...)Impossibilitado pois de pregar aos muçulmanos, como havia escolhido, tornava-se assim, por escolha não sua, o pregador popular (...)”.

²⁴ Fidêncio VANBOEMMEL OFM., art. cit. pág.206: “(...) Pelo fato de Santo Antônio estar ricamente ornado pela Sagrada Escritura, por sua sólida formação teológica e doutrinal, Francisco de Assis dá-lhe um título inusitado chamando-o de ‘episcopo meo’(...) para exprimir sua profunda veneração pelos verdadeiros teólogos e pregadores, enquanto dispensadores da Palavra de Deus (...)”.

²⁵ G. ODOARDI OFM Conv., art. cit., pág. 273: “(...) Lo studio di Bologna veniva fondato tra il 1223-24. L’iniziativa poté essere di vari, come scriveva il p. Abate, del Ministro Provinciale, del Vescovo e della città che manadavano i lori alumni, dell’ Ordine: e qui da ricordare che il Vicario ne era allora Elia, e l’ animatore, sempre Francesco che non mancò di inviare il suo ‘placet’ a ‘fratri Antonio episcopo meo’ (...)”.

²⁶ Fidêncio VANBOEMMEL OFM., art. cit., pág. 209: “(...) ‘Dummodo’ (=contanto que, desde que): Esta conjunção é extremamente importante porque se trata de uma condição para que o ‘placet’ tenha seu peso jurídico, e o ‘legas’ se viabilize numa prática sagrada. Portanto, é uma conjunção que liga o ‘placet’ e o ‘legas’ da Sagrada Teologia com a orientação de se fazer uma teologia segundo o espírito.

‘Inter’ (=dentro): não é apenas uma preposição que aponta para o estudo como tal (‘huius studium’), mas fala de uma circunstância de tempo, ou seja da ação do estudo no seu desenvolver pleno. Em outras palavras: sempre que se estuda a Sagrada Teologia (‘huius studium’) esse estudo deverá ser feito dentro (‘inter’) do espírito da santa oração e devoção.

‘Huius studium’ (=nesse estudo): nos seus Escritos, Francisco de Assis privilegia o verbo ‘studere’. Mas não se trata de estudar para acumular um determinado cabedal de conhecimentos. O ‘studere’ do qual Francisco mais fala é aquele no qual se adquire a sabedoria do espírito...existe uma consciência de que o estudo pode ser uma tentação que fere o espírito da pobreza, principalmente quando se trata de um estudo segundo o espírito da carne (...)”.

²⁷ Ibidem, pág. 211: “(...) O estudo da Sagrada Teologia recebe o ‘placet’ de Francisco na medida em que (...) estiver em conformidade com a totalidade das prescrições da Regra e, principalmente, se corresponder à premissa básica da mesma enquanto convocação para se viver em conformidade com o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo (Rb 1, 1) (...)”.

²⁸ In São Francisco de Assis, escritos e biografias de São Francisco, ed. cit., pág. 75: “Eu, Frei Francisco, saúdo a Frei Antônio, meu bispo. Gostaria muito que ensinasses aos irmãos a sagrada teologia, contanto que nesse estudo não extingam o espírito da santa oração e da devoção segundo está escrito na Regra. Passar bem”.

²⁹ Cfr. *Annalecta Franciscana*, III: 132.

³⁰ Idem, *ibidem*, págs. 205, 207: “(...) Esta carta nos mostra um consentimento dado por Frei Francisco a Frei Antônio ‘placet mihi’. Este ‘placet’, termo técnico usado no Direito, exprime a concordância de Francisco, seu estar de acordo, inclusive, seu agrado na decisão que toma frente à realidade nova dos estudos dentro da Ordem (...)”. Comungam da mesma opinião, o renomado antonianista F. da GAMA CAEIRO, in *Santo Antônio de Lisboa Introdução e selecção de textos*, Lisboa/São Paulo, Verbo, 1990, *Introdução*, págs. 46/49: “(...) supomos que não foram ainda reconhecidos, em toda a sua extensão, à luz da história da Filosofia e da Teologia do século XIII, o significado e projecção do mandato de São Francisco para Antônio ensinar teologia aos seus frades, em termos de profunda mutação de mundividências e de concepções verificada na Ordem Franciscana, e, em conformidade decorrente daquela, o ingresso dos Menores na Universidade de Paris (...) O Patriarca de Assis, ao deparar com o antigo Cônego Regrante, tomou a histórica resolução. Superou a anterior interdição dos estudos, para os confiar, em uma viragem de alcance decisivo para os destinos da Ordem, a ‘Frei Antônio, meu Bispo’ (...)”; igualmente o célebre historiador da Igreja medieval, Francis RAPP, art. cit., pág. 20: “(...) Em nossos dias, admite-se geralmente que São Francisco sem ter sofrido pressões, decidiu, sem dúvida no fim de 1223, confiar a Frei Antônio a tarefa de ensinar teologia aos franciscanos (...)”; Isaac Vázquez JANEIRO OFM, “La carta de fray Francisco a fray Antonio y el cultivo de la ciencia entre los primeros franciscanos en la Península Ibérica”, in *Verdad y Vida*, 53 (1995), pág. 451, e 443: “(...) he tomado como punto de referencia la Carta con la que fray Francisco instituyó lector a fray Antonio (...)”; Aldir CRÓCOLI, “A eclesiologia de santo Antônio”, *Cadernos da ESTEF*, 14 (1995), pág.52: “(...) Provavelmente... nunca se pensou professor de teologia (...) até o momento quando, Francisco de Assis, (...) o encarrega, em 1224 (ou final de 1223), de lecionar para os frades, o que, por sinal, continuou por apenas dois a três anos (...)”; Nédio PÉRTILE, OFM Cap. “Ambiente teológico”, *Cadernos da ESTEF* 14 (1995), pág. 28: “(...) Santo Antônio exerceu sua função de professor, mas não sem o consentimento de São Francisco. Assim torna-se o primeiro professor de teologia da Ordem, seguido por muitos outros (...) Até então, a Ordem não tinha nenhum professor de teologia e muito menos uma cátedra de teologia em alguma das universidades da época (...)”; L. BERTAZZO OFM Conv., art. cit., pág. 26: “(...) O encargo que lhe deu o próprio Francisco abriu para Antônio um novo e inesperado capítulo em sua vida, com uma função pública no interior da primitiva fraternidade franciscana (...)”; Martí ÀVILA, art.cit., pág.13: “(...) Endemés, posa els fonaments de l’escola teològico-franciscana en el convent de Santa Maria de Puçliola a Bolonya amb l’ autorització de sant Francesc(...)”; Benjamin TAPIA OFM in “O evangelismo de Santo Antônio de Pádua como expressão da espiritualidade franciscana e popular, in Antônio, homem evangélico na América Latina, ed. cit., pág. 78: “(...) nomeado primer lector dos irmãos pelo mesmo Francisco (...)”; L. IRIARTE OFM Cap., *ibidem*, pág. 231: “(...) No sabemos hasta donde le [Eliás] pudo caer mal la indicación del fundador de autorizar al fraile portugués, revelado ahora como maestro en teologia, para enseñar a los hermanos (...)”; M^a Cândida PACHECO, in “Santo Antônio no seu tempo”, op. cit., 1997, págs. 27-28: “(...) Através duma carta – cuja autenticidade a crítica não põe hoje em dúvida – S. Francisco incumbem-o do ensino de Teologia aos frades: (...) Parece claro que Sto. Antônio merecia a S. Francisco uma total confiança. Falavam a seu favor os frutos extraordinários da sua pregação, que se revelavam também como garantes de que esses estudos a iniciar seriam instrumentalizados e não subverteriam a radicalidade de evangélica da mensagem minorita (...)”; Idem, “Santo Antônio

e o Franciscanismo”, op. cit., 1997, pág. 124: “(...) *E quando S. Francisco, reconhecendo os frutos extraordinário da acção de Sto. António, o consagra como primeiro Leitor de Teologia, é impossível não ver neste facto, dadas as circunstâncias que o precederam, o reconhecimento claro duma confiança expressa, segura de que esse encargo – que representa uma viragem na Ordem Franciscana – não será um atraiçoar do ideal primitivo, mas antes uma evolução desejada e considerada necessária (...)*”; Idem, “O lugar da natureza no pensamento de Santo António de Lisboa”, op. cit., pág. 185. Idem, “Santo António de Lisboa”, op. cit., Lisboa, Caminho, 1999, pág. 191: “(...) *recebendo ainda, por carta escrita de S. Francisco (...) a missão explícita de ensinar Teologia aos frades (...)*”; Francesco COSTA OFM Conv., “Sulla natura e la cronologia dei sermoni di Sant’ Antonio di Padova”, *Il Santo* 39 (1999), pág. 30: “(...) *fu anche il primo lettore di teologia, autorizzato dallo stesso San Francesco (...)*” e um pouco mais adiante, à pág. 31, entra em contradição consigo mesmo, ao afirmar “(...) *dopo il capitolo, il ministro provinciale di Romagna, fra Graziano da Bagnacavallo, chiestolo al ministro generale (più esattamente al vicario generale, che era frate Elia), condusse Antonio nella sua Provincia, invitandolo nell’eremo di Montepaolo, presso Forlì (...)*”.

³¹ Fidêncio VANBOEMMEL OFM, art. cit., pág. 207.

³² Ibidem, pág. 207.

³³ *São Francisco de Assis Escritos e biografias de São Francisco de Assis*, ed. cit., pág. 137: “(...) *Não preguem os irmãos na diocese de algum bispo que lho tenha proibido. E nenhum dos irmãos se atreva, de modo algum, a pregar ao povo sem ter sido examinado e aprovado pelo ministro geral desta fraternidade e por ele admitido ao ofício da pregação. Também admoesto e exorto os mesmos irmãos a que, nos sermões que fazem, seja a sua linguagem ponderada e piedosa para a utilidade e a edificação do povo, ao qual anunciem os vícios e as virtudes, o castigo e a glória, com brevidade, porque o Senhor, na terra, usou de palavra breve (...)*”.

³⁴ Teodosio LOMBARDI OFM, art. cit. pág. 812: “(...) *e vescovo di Bologna era l’energico Enrico della Fratta, che non avrebbe tollerato que, tale cosa senza il suo permesso, tanto più che la scuola era frequentata da religiosi e da altri (...)*”.

D. Boaventura KLOPPENBURG OFM, “Santo Antonio, Doctor Evangelicus” *REB*, 6 (1946), pág. 251.

³⁵ Teodosio LOMBARDI OFM, art. cit., págs. 806-807: “(...) *Non sembra che quelle parole, così perentorie, si riferiscano semplicemente all’impegno di appurare l’ortodossia dei frati e di concedere loro l’approvazione in base a tali indizi. Si doveva invece fare una verifica sulla efetiva preparazione dei frati per una predicazione, che ormai, attingeva i livelli dell’esegesi e della teologia. Ma per avere una tale preparazione occorreva lo studio (...)*”.

³⁶ D. Boaventura KLOPPENBURG OFM, art. cit.: 251.

³⁷ F. RAPP, art. cit., pág. 20: “(...) *S. Francisco (...) talvez também receasse que um grupo à parte*

se constituísse no seio da fraternidade e destruísse a profunda unidade que (...) tinha querido criar, sem distinção de ordens nem títulos. Essa desconfiança levou certos historiadores a pensar que de per si o santo jamais teria admitido que no interior da sua Ordem surgisse uma instituição escolar e que seria preciso para o conduzir a esse ponto a consistente actuação de Fr. Elias, que os mesmos historiadores tomam como uma espécie de Judas no seio da primitiva família franciscana. Esta opinião embora não totalmente abandonada, já não tem muitos partidários (...).Cfr. também M. ÀVILA, art. cit., pág. 27: “(...) *Malgrat tot, l'estudi era una necessitat inevitable, atès que sense ell els frares no podien exercir el seu humil apostolat. En totes les cruïlles els esperava l' heretge de torn; i era gairebé impossible fugir de la controvèrsia pública amb ell. Impossible enfrontar-se sense posseir un coneixement seriós de la Sagrada Escritura (...)*”.

³⁸ *RnB*, in *São Francisco de Assis Escritos e biografias de São Francisco*, ed. cit., pág. 154: “(...) *nenhum dos irmãos pregue contra a forma e a doutrina da santa Igreja nem sem a permissão de seu ministro. O ministro, porém, tome cuidado de não a conceder indiscriminadamente. No entanto, todos os irmãos podem pregar pelas obras. E nenhum ministro ou pregador se arrogue o cargo de ministro dos irmãos ou o ofício da pregação como sua propriedade, mas à mesma hora que lhe for ordenado, deponha o seu cargo sem nenhuma objeção. Suplico por isso na caridade 'que é o próprio Deus' [1Jo 4,8], a todos os meus irmãos que pregam, oram ou trabalham, sejam clérigos ou leigos, que tratem de se humilhar em tudo, nem se desvançam, nem sejam presunçosos, nem se envaideçam interiormente de belas palavras ou obras, enfim de nada do que Deus às vezes diz, faz e opera neles e por eles (...) Por isso vamos nós, irmãos todos, acautelar-nos de toda vanglória e soberba. Guardemo-nos da sabedoria deste mundo e da prudência da carne. Pois o espírito da carne tem grande interesse em fazer muito em palavras e pouco em obras, nem procura a piedade e a santidade interior do espírito, mas antes visa e deseja uma piedade e uma santidade que apareça por fora diante dos homens (...)*”.

³⁹ O insuspeito frei Salimbene de Parma O. Min., ingresso na Ordem em 1238, em sua *Cronica*, escrita em 1258, ed. *MGH, Script.*, vol. XXXII, e ed. G. SCALIA, Bari, 1966, pág. 137, apesar de imputar a frei Elias 13 delitos ao governar a Ordem, declara “(...) *hoc solum habuit bonum frater Helias, quia Ordinem Fratrum Minorum ad studia theologiae promovit (...)*”.

⁴⁰ Enrique R. de VENTOSA OFM, art. cit., pág. 123.

⁴¹ Teodosio LOMBARDI OFM, art. cit., pág. 814: “(...) *alla fine dell'anno 1223: il richiamo della lettera di San Francisco alla Regola bollata che è del 29 novembre 1223, non permette altra data...il convento dove sant'Antonio insegnò si chiamava S. Maria della Pugliola, fuori Porta Galliera (...)*”.

⁴² F. RAPP, art. cit., pág. 22: “(...) *no verão de 1224 foi enviado para o sul do Languedoc (...) A heresia não estava extirpada. A ordem dos Irmãos Pregadores aí se encontrava (...) Os Frades menores tinham vindo em seu socorro. Desde 1220 fixaram-se em Mirepoix e Montpellier e em 1222 em Tolosa. Tanto como os seus confrades da Lombardia, tinham grande necessidade de*

formação teológica para enfrentar os Albigenses e poder vencê-los. Antônio dirigiu-se imediatamente a Montpellier, depois de ter participado no capítulo de Arles (...)". Cfr. também M. ÁVILA, art. cit., pág. 13, o qual nota que desde a morte de "*(...) sant Domènec (1221) havia paralizat la tasca iniciada a Occitània per l'Orde de Predicadors. Els rebrots de l'heretgia eran cada vegada més forts; tan forts que el mateix papa Honori III (...) Organitza tota una croada de predicadors realment provats en seu zel i la seva ciència per combatre l'engany de la doctrina dels herètics (...)*".

⁴³ In *São Francisco de Assis, Escritos e biografias de São Francisco de Assis*, ed. cit., pág. 214.

⁴⁴ A. G. PILONETTO OFM Cap., art. cit., pág. 13: "*(...) Os hereges constituíam naturalmente um dos temas centrais do sínodo. Antônio afrontou o problema, não analisando os efeitos ou falando de sua periculosidade, mas apontando suas causas mais importantes: entre elas a infidelidade dos pastores. Denunciou os prelados infiéis e mercenários e não poupou o arcebispo Simão de Sully: 'Tibi loquor, cornute! – É a você que falo agora, mitrado!'. Assim começou a incriminar a má conduta do arcebispo, interessado mais nos benefícios de seu feudo do que na evangelização do rebanho. E este, vencido pela acusação, reconheceu seus erros e pediu em prantos para que Antônio ouvisse sua confissão e rezasse por ele(...)*". Cfr. também F. RAPP, art. cit. pág. 23: "*(...) Em 1225, Antônio foi nomeado guardião dos franciscanos fixados em Puy, Em Velay, a heresia não estava arraigada, mas a ignorância dos fiéis era crassa (...) No fim do ano (...) o arcebispo de Bourges pediu-lhe para abrir o sínodo nacional (...)*".

⁴⁵ Gustavo CANTINI OFM Conv., "Vita apostolica e azione sociale di S. Antonio", *Atti delle due settimane antoniane teneute a Roma e a Padova nel 1946*, Vaticano, Poliglota Vaticana, 1947: 236: "*(...) Provincia Francescana dell'Emilia e Lombardia, che allora abbracciava tutta l'Italia settentrionale, dai confini della Toscana, in su, comprendendo: il Piemonte, il moderno Genovesato e Lombardia, il Veneto col Friuli, il Bolognese com tutta la Romagna, sin giù Rimini, ai confini di Pesaro. Antonio visitò sicuramente i vari conventi della sua Provincia nei tre anni dal suo ufficio (1227-1230), ed è anche sicuro che un uomo come lei non si limitò alla semplice visita dei conventi (...)*". Cfr. também F. COSTA OFM Conv., art. cit., 1999, pág. 32: "*(...) comprendeva allora tutta l'alta Italia ed era detta indifferentemente: di Romagna, di Lombardia, della Marca Trevigiana, o anche di Bologna, di Milano, di Genova, di Padova (...)*".

⁴⁶ Cesira GASPAROTTO, "Perchè Sant' Antonio venne a Padova", *Il Santo*, 5 (1965), págs. 211-212: "*(...) visitare ogni anno i conventi della sua Provincia, con il fine di confermare o emendare la disciplina delle singole comunità religiose e di confortare o stimolare lo zelo apostolico dei frati. Egli doveva, inoltre, promuovere nuove fondazioni conventuali e rimuovere i possibili ostacoli, che si frapponevano alla missione evangelica dei Francescani. Il Ministro provinciale, nel corso delle sue visite, si presentava alle autorità ecclesiasatiche locali e in particolare ai Vescovi, ai quali metteva a disposizione se stesso e i suoi frati per la salvezza delle anime (...)*".

⁴⁷ I. RIGAUD, *Vita Beati Antonii de Ordine F.M.*, Ed. F. CONCONI, Padova, Lib. Editrice Antoniana, 1930, pág. 19, a tradução é nossa: "*(...) Tu viste os soldados e as nobres matronas acorrer nas*

trevas da noite, com tochas acesas na mão, e aquelas que estavam acostumadas a despender boa parte do dia ficando a rescaldar o próprio corpo em leitos macios, ora acorriam atentas a ouvir o pregador, sem reportar nenhum dano, como me foi referido. Vinham os velhos, acorriam os jovens, homens e mulheres juntos de toda idade e de toda condição. E todos, deixando de lado a procura das roupas vistosas, vestiam um hábito que eu ousaria chamar religioso. Enfim, o próprio bispo de Pádua juntamente com o seu clero vinha a ouvir a prédica do Servo de Deus, Antônio, e dando admirável exemplo ao seu rebanho, exortava a escutar atentamente o pregador; também como se fosse um exercício de humildade (...)”.

⁴⁸ *Idem, ibidem, pág. 71: “(...) Os intelectuais muito admiravam nele a agudeza do espírito e a facúndia da eloquência, pois, em todas as coisas o sentiam falar com a medida apropriada e discreta. Este senso apurado de equidade o fazia assaz sábio ao distribuir apropriadamente a cada um os ensinamentos da sua doutrina, de tal modo que, falando aos grandes e aos pequenos, igualmente para todos tinha uma palavra de verdade que feria. Sabia adequar de tal modo a palavra e o conteúdo de sua pregação, conforme a variedade dos estados e das pessoas com o sal da descrição, que cada um que o ouvisse, se fosse transviado, se convertia, se fosse bom, sentia-se estimulado a praticar virtudes ainda maiores, ninguém se sentia descontente (...)”.*

⁴⁹ *Ibidem: 75.*

⁵⁰ *À guisa de exemplo, baste a referência que se encontra na Legenda Perusina, in São Francisco de Assis Escritos e biografias de São Francisco de Assis, ed. cit., cap. 86, página 814: “(...) Ouvindo um dia dizer que alguns andavam dando escândalo na Ordem, e que os frades arrefeciam do primitivo fervor da perfeição, [Francisco] desabafou assim na oração, com o coração trespassado de dor: ‘Senhor, recomendo-te a família que tu me deste’ (...)”.*

⁵¹ *Na verdade, de acordo com as fontes franciscanas dos séculos XIII e XIV, e as tendências historiográficas que nelas se respaldam, frei Elias é um personagem bastante controvertido, a ponto de ser execrado por uns autores e enaltecido por outros. G. ODOARDI OFM Conv. in art. cit., pág.274, recorda alguns fatos positivos em que ele foi o protagonista, até aquela ocasião, afirmando: “(...) il suo Provincialato di Terra Santa (1217-20); la diffusione dell’ Ordine in Germania (1221), e Inghiterra (1224); la partecipazione alla redazione definitiva della Regola (1223); l’ apertura dello studio bolognese (1223-24); il richiamo allo spirito della Regola per i frati di Valenciennes (1225-26); il nuovo tentativo missionario del Marocco con i 7 Martiri di Ceuta (1227); il ricordato elogio di S. Francesco morente com la sua più che paterna benedizione (...)”.*

⁵² *Nachman FALBEL, Os Espirituais Franciscanos, S. Paulo, EDUSP/Pioneira,1995, págs.32-33: “(...) Em 6 de junho de 1227, reunia-se em Assis um Capítulo Geral, com a presença do papa Gregório IX, eleito em 19 de março do mesmo ano (...) Nesse capítulo, João Parenti, provincial da Espanha, foi eleito ministro-geral da Ordem, o que indica que a permanência de Elias na função de vigário-geral foi de curto tempo. Ainda que toda a questão não esteja nitidamente esclarecida, e que uma boa parte dos autores se incline, apoiada nos textos que citamos, a aceitar que o Capítulo Geral de 1227 elegeu João Parenti como ministro-geral, supomos que Eccleston, em*

sua narrativa, deve ter se baseado em informações dos frades que participaram dos capítulos mencionados (...) Porém tudo leva a crer que Elias não agradou à Ordem e logo foi obrigado a demitir-se, sendo em seguida eleito João Parenti (...)”. Cfr. também J. MOORMAN, op. cit., pág. 90: “(...) He was a man beloved by the friars for his simplicity and goodness, and during is period of the office the Order made considerable progress (...)”.

⁵³ Cfr. G. ODOARDI OFM Conv., art. cit., pág. 275.

⁵⁴ Portanto, equivocou-se Patrício GRANDON OFM “Santo Antônio de Pádua: espiritualidade e pensamento” in *Antônio, homem evangélico na América Latina*, ed. cit., pág. 41, ao afirmar que “(...) Havia os que sustentavam a necessidade de adaptar a norma, a ‘letra’ da Regra às reais circunstâncias da evolução da Ordem, posição esta encabeçada por frei Elias. Havia os que olhavam com preocupação o rumo que a Ordem estava tomando: era o grupo dos chamados ‘fiéis ao ideal primitivo’. Neste último grupo situava-se Antônio e o geral João Parente, que desejavam que a Ordem, no próprio capítulo, assumisse a responsabilidade de trabalhar realmente pela adaptação da Ordem ao ‘espírito’ da Regra (...)”.

⁵⁵ L. IRIARTE OFM Cap., art. cit., pág. 231-232: “(...) Los partidarios de Elias não se resignavam a la emarginación de su jefe; con ocasión de la canonización del fundador, en 1228, y sobre todo durante el capítulo de 1230, no faltaron quienes vieron turbios manejos de Elias e de los suyos por recobrar la dirección de la Orden. Esta información la debemos a Tomás de Eccleston, sagaz husmeador de crónica menuda (...)”.

⁵⁶ F RAPP, art. cit., pág. 25: “(...) O relato do desenrolar desta assembleia deve ser examinado sob um ponto de vista crítico. Com efeito, conta que Frei Elias, apoiado por adeptos decididos, tentara apoderar-se do governo da Ordem e que Antônio procurara, em vão, trazê-lo à razão. João Parente consegue finalmente, mas não sem dificuldade, restabelecer a situação. Este depoimento, de Tomás de Eccleston, poderia ter sido deturpado, devido à animosidade sentida pelo seu grupo, o dos clérigos (...)”. Ingressou na Ordem em 1232, foi em 1258 que esse menorita inglês escreveu sua famosa crônica *De adventu fratrum Minorum in Anglia*, na qual relatou esses episódios, no cap. XIII, § 2, 3, 10. Eccleston, falando de seus compatriotas, os quais devia conhecer bem, diz que frei Adão de Marisco (Marsh) era “(...) secundum Antonium, in conformitate virtutis et suavitatis ac simplicitatis gratia (...)”. Esse frade, falecido em 1259, junto com Roberto Grossetête, mais tarde, bispo de Lincoln, falecido em 1253, foi um dos iniciadores da *Escola Franciscana inglesa*, de teologia e filosofia. Igualmente, afirma Eccleston que um outro frade inglês, Aimo de Faversham chamou Elias de mentiroso, e que os seus partidários “(...) nec sanctum Antonium audire voluerunt (...)”. Essa fonte acha-se publicada na *Annalecta Franciscana*, 1 (1885): 132.

⁵⁷ F RAPP, art. cit., pág. 26.

⁵⁸ Cfr. T. de ECCLESTON O. Min., op. cit., cap. XIII, § 5.

⁵⁹ O. BERNARDI OFM, art. cit. pág. 71. Cfr. também L. BERTAZZO, art. cit., pág. 217: “(...)

Antonio fa parte della ristretta commissione che il capitolo generale invia a Gregorio IX, perchè sia data soluzione alla sofferta questione della 'legalità' del Testamento di Francesco. È inviato assieme al ministro generale, Giovanni Parenti, al penitenziere apostolico Gerardo Rossignol, al teologo (e futuro ministro generale Aimone da Faversham (...) Leone da Perego, poi arcivescovo di Milano, Gerardo da Modena e Pietro da Brescia. Sono tutti esponenti – come rileva Rigon – di 'una linea di minoritismo internazionale e padano cresciuto per lo più lontano dall' Umbria e da Francesco (...) maturato nell'attività apostolica in stretto collegamento con la curia romana'(...)". Por isso, ao nosso ver, carecem de fundamento verídico, porque cronologicamente defasados, tanto o relato que Angelo Clareno apresenta sobre Antônio e os partidários de Frei Elias, em seu *Cronicon ou Historia septem tribulationum Ordinis Minorum*, ed. A. CHIGNATO, Roma, 1959, pág. 84, ao afirmar (a tradução é nossa) "(...) Foi preso pelos irmãos, adeptos de frei Elias, que o despojaram do hábito e o açoitaram até jorrar sangue. Ele, recebendo os açoites, chicotadas e insultos pacientemente (...) dizia: 'Bendito seja Deus; o Senhor vos perdoe, irmãos'. Movidos por um ímpeto de louco furor, desafogavam com tal raiva sua crueldade, sem ter indagado a respeito de sua pessoa nem sobre a verdade acerca das culpas que atribuíam-lhe, ainda mais que tratava-se de um irmão desconhecido que estava de passagem, de uma nação e de uma língua estrangeiras(...)"; quanto aquele outro incluído na *Cronica dos XXIV Gerais, Annalecta Franciscana III* (1887): 209-231, em que o autor, inspirando-se parcialmente em Salimbene, e não se sabe em que outra fonte, refere-se a um encontro capitular, assembléia essa convocada pelo próprio frei Elias, perante Gregório IX, em que teria havido uma altercação violenta entre o Menorita lusitano e o Ministro, porque este último transgredia abertamente a Regra. Depois, o autor percebe que fez uma confusão cronológica, e diz que tal acontecimento terá acontecido no Capítulo de 1230.

⁶⁰ *De Adventu Fratrum Minorum in Anglia*, in op. cit., pág. 241.

⁶¹ Bula *Cum dicat Dominus*, 23 de junho de 1232, in *BF*, 4 vols. ed. J. H. SBARALEA, vol. I, págs. 79-81.

⁶² Ed. cit.

⁶³ J. MOORMAN, *A History of the Franciscan Order from its Origins to the Year 1517*, Oxford, Clarendon Press, 1968, págs. 89-90: "(...) On the one hand, he had to face the extremists who would hear of no departure from the strictest poverty and were content that the Order should continue as a band of itinerant evangelists, working in the fields, begging their food from door to door, facing the risks of starvation and death in order to show what evangelical poverty really meant. On the other hand, he had to face those who frankly believed that the days of begging-bowls might now be regarded as past, and who hoped and intended that the Order would develop on more monastic lines with its own convents and with the growth of scholarship. In between these two parties were probably the majority of the brethren who realised that some change and decay from the intransigent idealism of S. Francis was inevitable, but who yet cherished the hope that the Friars Minor would preserve their distinctive characteristics and remain the chief bodyguard of Lady Poverty (...)".

⁶⁴ Cfr. *Bullarium Franciscanum*, vol. I: 68-70, ed. cit., pág. 68: § 2 (a tradução é nossa) “ (...) Com efeito, faz pouco tempo, vieram a nossa presença os delegados que vós, filhos ministros provinciais, que estavam reunidos no Capítulo geral, enviaram, e com eles também tu, pessoalmente, filho ministro geral, e expuseram-nos que em sua Regra há algumas coisas que suscitam dúvidas e estão obscuras e outras difíceis de entender, e outras, ainda, que só podiam ser observadas com enorme dificuldade. Ademais, posto que o bem-aventurado confessor de Cristo, Francisco, de santa memória, não querendo que sua Regra viesse a ser submetida a explicação mediante a interpretação de algum irmão, próximo do término de sua vida ordenou – e tal ordem se chama Testamento – que não fossem feitas glosas às palavras da predita Regra, e que não se dissesse, servindo-nos de suas palavras, que devem ser entendidas deste ou daquele modo, acrescentando que os irmãos não deviam pedir letras à Sé Apostólica. (...)”.

⁶⁵ *Ibidem*, pág. 68: § 3: “Por esses motivos, uma vez que estão inseguros quanto à obrigatoriedade de observar ou não o mencionado Testamento, nos pediram que, como nossa autoridade, afastássemos tal dúvida de suas consciências e da dos demais irmãos. E dado que, devido à longa familiaridade que o referido Santo teve conosco, conhecemos mais profundamente sua intenção, e para mais, estivemos perto dele durante a redação da referida Regra e ao ser apresentada à Sé Apostólica para obter sua confirmação, e quando ocupávamos um cargo inferior, pediram-nos insistentemente que também explicássemos os seus pontos duvidosos e obscuros, e désssemos uma resposta acerca de outros pontos difíceis de entender. Por conseguinte, embora acreditemos que o mencionado confessor de Cristo, ao ditar aquela ordem tivesse uma louvável intenção e que, igualmente, estejais interessados em ater-se às suas ordens justas e aos seus santos desejos, sem embargo, nós preocupado com os perigos que afligem as almas e com as dificuldades em que possam cair devido a isso, afastando a dúvida de seus corações, afirmamos que não estão obrigados à observância desta ordem, por dois motivos: ele não podia obrigar sem o consentimento dos irmãos e principalmente dos ministros, porque isto concernia a todos, e, com certeza, muito menos podia obrigar o seu sucessor, considerando que não há poder de um sobre o outro, tratando-se de pessoas que gozam da mesma autoridade”.

⁶⁶ Cfr. *Regra Bulada*, in *São Francisco de Assis, Escritos e Biografias*, ed. cit., capítulo 4, págs. 134-135.

⁶⁷ *Regra Bulada*, *Ibidem*, capítulo 1, pág. 132, especificamente, capítulo 6, pág. 135.

⁶⁸ Cfr. *Bullarium Franciscanum*, vol. I, pág. 69, § 7: “Em quarto lugar, posto que na mesma Regra está dito expressamente: os irmãos não se apropriem de nada para si, nem de casa, nem de lugar, nem de coisa alguma, e temem que, com o passar do tempo, a pobreza da Ordem seja contaminada, especialmente porque alguns afirmaram que já pertence a toda a Ordem a propriedade em comum sobre os bens móveis, dirigem-nos uma humilde súplica, para que, com respeito a esse ponto, nos dignemos a tomar medidas contra os perigos para as almas e a pureza de toda a Ordem”.

§ 8: “Por conseguinte, dizemos que não devem ter propriedades nem em comum nem individualmente, mas a Ordem tenha o uso dos utensílios, dos livros e dos demais bens imóveis

que lhe é lícito ter. Os irmãos, pois, os usem conforme for estabelecido pelo ministro geral ou pelos ministros provinciais, permanecendo intacta a propriedade sobre os lugares e as casas nas mãos daqueles que, se sabe, estes bens lhes pertencem. Não devem vender os bens móveis, salvo se para tanto, for concedido o consentimento ou autoridade ao geral ou aos provinciais pelo cardeal da Igreja Romana que será o protetor da Ordem”.

⁶⁹ *Regra Bulada*, *Ibidem*, cap. 9, pág. 137.

⁷⁰ *Ibidem*, pág. 69, § 10: “*Em sexto lugar, posto a Regra estabelece que nenhum irmão pode pregar ao povo, se não tiver sido examinado e aprovado pelo ministro geral e não lhe tenha sido concedido por ele ofício da pregação, a fim de evitar viagens perigosas e cansativas para os irmãos, pediram-nos se o ministro geral pode confiar essa tarefa de examinar, aprovar e conceder o ofício da pregação a algumas pessoas discretas, em geral, que examinem a todos, ou a alguns em particular, que estão nas províncias”.*

“À questão respondemos como segue: o ministro geral não pode conceder esta faculdade a pessoas que estejam distantes, senão que, aqueles que forem considerados necessitar de tal exame sejam enviados até ele, ou eles juntamente com os ministros provinciais dirijam-se ao Capítulo geral com este propósito. Ao contrário, para aqueles que não necessitam de exame porque foram instruídos num estudo de teologia no ofício da pregação, se possuem maturidade, obtida com o passar dos anos, bem como os demais requisitos para tanto, da maneira que foi dita, podem pregar ao povo, exceto aqueles a quem tal licença for negada pelo ministro geral”.

⁷¹ *Regra Bulada*, *ibidem*, cap. 8, pág. 136.

⁷² *Cfr. Bullarium Franciscanum*, vol. I, ed. cit., pág. 70, § 13: “*Em oitavo lugar, pelo fato de que na Regra está escrito: Quando falecer o ministro geral, faça-se a eleição do sucessor pelos ministros provinciais e custódios no Capítulo de Pentecostes, alguns têm dúvidas se a totalidade dos custódios deve ir ao Capítulo, ou bem pode ser suficiente, a fim de que se possa tratar de tudo com maior tranqüilidade, que tomem parte dele somente alguns de cada província, que expressem também o parecer dos demais. Respondemos que os custódios de cada província devem eleger a um deles para ir ao Capítulo junto com o ministro provincial, a quem dêem o seu parecer, e isto quando o tiverem estabelecido por sua conta, propomo-nos aprovar tal estatuto”.*

⁷³ J. MOORMAN, op. cit. págs. 90-91: “*(...) Quo elongati (...) marks a turning-point in the History of the Order of S. Francis (...) and (...) then there can be little doubt that Gregory was doing the right thing. But it is easy to imagine the perplexity and distress of those who had been with the saint in the early years and had vowed themselves to a pattern of life which was now broken and gone. (...) Quo elongati enable the friars to acquire goods of many kinds and thus made possible the building up libraries and the advance of studies. This, again, had Parenti's support, for he nominated as Provincial Ministers men of learning, and made arrangements for lecturers to the friars to be appointed (...)”.*

⁷⁴ N. FALBEL, *Os Espirituais Franciscanos*, págs. 40-41.

⁷⁵ Cfr. A. RIGON, *Antonio di Padova e il minoritismo padano*, págs. 189-190: “(...) freis que pertenciam aos ambientes internacionais, no âmbito papal, na área do Norte da Itália; homens de Direito, doutos teólogos, famosos pregadores; nenhum frei da Úmbria. O único, Geraldo de Modena, conforme Salimbene, foi talvez socius de Francisco, mas não da primeira hora. Estes freis que não viveram a experiência da primitiva fraternitas representam uma linha do minorismo internacional, e especificamente do Norte da Itália, crescido sobretudo longe da Úmbria e de Francisco, amadurecido na atividade apostólica e em estreita relação com a Cúria Romana, com os frades dominicanos, com os ambientes de estudo e com as igrejas locais. A novidade introduzida por eles foi a assunção direta de encargos na reforma eclesiástica guiada por Roma, freis estranhos a Francisco e ao grupo inicial de seus seguidores, para os quais valia somente o testemunho evangélico e nada mais. Com eles, a linha do empenho pastoral de guia e ensinamento, educação e formação na Igreja e na sociedade prevalecia nitidamente sobre a pura e simples profissão do Evangelho entre os pobres e os marginalizados, numa vida de serviço e de humilde submissão’(...)”.

⁷⁶ O. BERNARDI OFM, art. cit., págs. 73-74: “(...) Embora [Antônio] tivesse, nos inícios, se associado à caminhada de Francisco e seus companheiros, não participou da fraternitas, portanto não viveu a epopéia das origens. Além disso ao concordar que o Testamento seja apenas uma diretriz espiritual, bem como em reduzir o evangelho da Regra em conselhos evangélicos, mostra que não estava tão afinado com a proposta originária de Francisco (...)”.

⁷⁷ Art. cit., pág. 26.

⁷⁸ Ibidem, pág. 30.

⁷⁹ Cfr. N. FALBEL, op. cit., págs. 105, 106, e especialmente, 107.

⁸⁰ Cfr. P. GRANDON, art. cit., pág. 41: “(...) Antônio aparece como protagonista num momento crucial da evolução institucional do movimento franciscano: ele adere à postura do ‘espírito’ da Regra adaptado às circunstâncias evolutivas da Ordem. Tal posição mostra como, em pouco tempo,(...) ele havia conseguido assimilar o espírito de Francisco e, ao mesmo tempo, ser realista o bastante para avaliar a evolução da Ordem com ponderação (...)”.

⁸¹ O. BERNARDI OFM, art. cit, págs. 61,65, 66, 67.

⁸² Francisco da GAMA CAEIRO, *Santo António de Lisboa*, Lisboa/S. Paulo, Editorial Verbo, 1990, *Introdução*: “A Obra de Santo António à luz da sua vida e formação cultural”, págs. 9-55, particularmente págs. 39-49.

⁸³ M. MOLLAT, *Os Pobres na Idade Média*, tradução de Heloisa JAHN, R. Janeiro, Campus, 1989, pág. 124: “(...) Dentre os milhares de sermões conservados em nossas bibliotecas, um grande número parece inspirado por uma sensibilidade real aos sofrimentos dos desvalidos e apresenta

procedimentos vivos para suscitar a compaixão (...) da obra dos pregadores emerge a silhueta do pobre (...) cego, manco, aleijado, leproso, órfão, velho, depois dependente, ignóbil e desprezado (...)”.

⁸⁴ L. BERTAZZO, art. cit., pág. 218: “(...) *Con la città Antonio ha un legame ambivalente. Quello che caratterizza il francescanismo primitivo, oscillante tra eremo e città. La città è il luogo da convertire, è il luogo in cui realizzare la città di Dio; l'eremo è il luogo fuori della città, abitato dal silenzio e dalla contemplazione, anticipazione della città di Dio, in cui attingere forza, illuminazione per andare poi nella città dell'uomo ad annunciare una parola capace di convertire. È significativo l'alternarsi tra eremo e città nella prima generazione francescana. La dinamica di Antonio, che sembra essere la dinamica di altri intellettuali entrati nell'Ordine che si sentono inviati per l'annuncio, ma diffidano dello spazio urbano sentito appunto come luogo di conversione, preferendo dopo l'annuncio, ritirarsi nello spazio dell'eremo. Ma è la città il luogo dove la parola deve essere annunciata, non nel deserto dell'eremo, evidentemente (...)*”.

⁸⁵ *15º Domingo depois de Pentecostes, Santo António de Lisboa, Doutor Evangélico, Sermões Dominicais e Festivos (ed. bilingüe - latim e português), introdução e notas por H. Pinto Rema OFM, vols. I- II, ed. Lello, Porto, 1987, vol. II, págs. 128,129 : “(...) Nota que 'Jerusalém é tripla: Alegórica, a Igreja militante; moral, a alma fiel, anagógica, a Igreja triunfante (...) Bendito seja Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que exaltou a Jerusalém militante à Igreja triunfante, que é o seu reino, e sobre ela ele mesmo reina por séculos eternos (...) Deste reino se diz no Evangelho: 'Buscai em primeiro lugar o reino de Deus' (...) Esta é a Jerusalém construída de pedras preciosas. Este é o reino de Deus, que buscamos quando semeamos no espírito. Semear no espírito é buscar a justiça do reino de Deus, da qual se acrescenta: 'não nos cansemos, pois, de fazer o bem, porque a seu tempo colheremos, não desfalecendo' (...)*”. Cfr. também *Gl 6, 9*.

⁸⁶ *15º Domingo depois de Pentecostes, vol., II: 122-123.*

⁸⁷ In art. cit., pág. 234.

⁸⁸ In *Atti del Congresso Internazionale di Studio sui Sermones di S. Antonio di Padova*, a cura de Antonino POPPI, Pádua, Ed. Messaggero, 1982. O Prof. Manselli, falecido prematuramente em 1985, destacou-se como estudioso dos *Espirituais Franciscanos* da Provença, bem como dos movimentos heréticos ocorridos na Baixa Idade Média.

⁸⁹ *Ibidem*, pág. 34: “(...) *che non a caso, trovava, specialmente a livello popolare, la sua manifestazione nei fenomeni ereticali, che (...) essere statti non anticristianesimo (...) ma piuttosto ricerca di quella Chiesa, di quel cristianesimo, capace di appagare le anime (...) che si traduce in azione pastorale, chiaramente orientata e nettamente impostata, al servizio dei fedeli, che vengono sentiti non già coloro che debbono essere, per così dire, inquadri ed indottrinati dal clero, ma che diventano e debbono diventare il fine primario e la meta dell'azione religiosa-pastorale del clero stesso (...)*”.

⁹⁰ *Ibidem*, pág. 33: (...) *Infatti, questa riforma del clero deve concretarsi in un'operazione ascetica di rinuncia alla mondanità, da intendere come rinuncia al potere, in quanto prestigio sociale, come rinuncia alla ricchezza, in quanto defraudamento del povero, che è l'unico ad avere diritto a tutto ciò che, comunque, eccede il necessario (...)* ”.

⁹¹ *Ibidem*, págs. 32, 33, 34.

⁹² *Ibidem*: 34,35.

⁹³ Claudio LEONARDI, “Antonio di Padova e la questione francescana”, *Actas Congresso Internacional Pensamento e Testemunho*, ed. cit., pág. 274: (...) *La continuità nella sua pienezza, tra i due, si rivela nella predicazione, che rappresenta non solo il centro della vita e dell'agiografia di Antonio, ma anche il centro della vita e dell'agiografia di Francesco, che era mosso...dal desiderio travolgente che tutti i cristiani fossero realmente discepoli di Cristo, nella penitenza e nell'amore, e che tutti gli infedeli, mediante l'esempio e la parola dei frati, conoscessero quel Dio che era diventato, anche dentro di loro, uomo.*

La predicazione è la grande, nuova parola di Francesco. E Antonio è il solo, nella prima generazione francescana, che l'abbia capito sino in fondo; Antonio è perciò chi più di altri lo realizza in una continuità ideali (...) Antonio non ha vissuto quell'esperienza, non la rimpiange, non ne parla; ha cercato di capire Francesco, c'è riuscito e ne è stato più alto seguace e realizzatore (...) se Francesco ha tradito se stesso, allora Antonio è il più grande traditore della tradizione francescana; ma se Francesco è coerente con se stesso, come credo, proprio per questo Antonio è il suo discepolo più alto (...)”. Cfr. ainda, B. TAPIA OFM, art. cit., págs. 93-94: “(...) *O espírito de itinerância, de não instalação e inserção missionária, de encarnação, de provisoriiedade evangélica. Nesse espírito crescem a atenção e o serviço às necessidades concretas, a situação de irmãos, Igreja, mundo humano, povo 'sedento'.*

“(...) O sentido da sacralidade da Palavra de Deus 'resumo de todo o saber'. Nada conhece quem não conhece as Sagradas Letras, o ensinamento de Cristo compassivo e misericordioso, humilde e crucificado. Da Palavra de Deus havemos de acercar-nos (...) para acolhê-la como manancial de meditação fecunda, como chamada à conversão diária, como ponto de referência constante da pregação, como estímulo de vida evangélica, em comunhão fraterna com o homem e a natureza.

“(...) O cristocentrismo que (...) considera Cristo como modelo de humildade e paciência, como Redentor pobre e obediente, como Salvador ao qual seguimos (...)”.

“(...) Uma leitura do Evangelho além da letra, em espírito (...) Sua cultura não impede (...) uma leitura simples, direta e vital, realista e concreta, sem excessivas sutilezas alegóricas (...)”.

⁹⁴ Cap. XI, a tradução é nossa.

⁹⁵ A. G. PILONETTO OFM Cap., art. cit., pág. 16: “(...) *A pregação começou na catedral mas logo teve que deslocar-se para a praça em busca de espaço, tal era a multidão que aumentava cada dia, chegando em certos dias a 30.000 pessoas, segundo a informa a mais antiga legenda. Pode haver exagero, mas sempre indica um êxito estrondoso (...)*”.

⁹⁶ B. TAPIA OFM, art. cit., pág. 85: “(...) *Francisco pede, na Regra, que seus frades ‘preguem ao povo sobre os vícios e as virtudes, a pena e a glória, com palavras breves’. Cremos que Antônio assim o fez, sobretudo na direção preferida da sua pregação: os preceitos da moral cristã e a frequência da confissão (...) é homem evangélico por sua vida inserida vigorosamente no evangélico e crístico, encarnada na fraternidade e na humanidade do seu tempo (...) em clara inserção efetiva e social pela opção cristocêntrica de pobreza e minoridade (...) com sentimentos iguais aos de Jesus, Evangelho do Pai e evangelizador de todos (...) a pobreza material é o primeiro passo para outras pobreza essenciais: abnegação e desapropriação de si, despojamento, solidariedade para com os menores e pobres (...)*”.

⁹⁷ A. G. PILONETTO OFM Cap., art. cit., pág. 16: “(...) *sua saúde, aliás, era precária há muito tempo: sofria de asma e hidropsia (...) Retirou-se então para um lugar silencioso (...) chamado Camposanpiero, a uns 18 km de Pádua, pertencente ao conde Tiso, amigo dos frades e dos pobres (...) havia ali uma frondosa nogueira. Não se sabe de quem foi a idéia, mas, entre os ramos da árvore, foi construída uma pequena cabana, uma espécie de ‘ninho’, onde o santo se ajeitou, em estreito abraço com a natureza (...) Conta uma legenda que foi nesse minúscula cela que lhe apareceu o Menino Jesus, que costumamos ver nos seus braços (...)*”.

RESEÑAS

Chakana. Interkulturelles Forum für Theologie und Philosophie,
Missionswissenschaftliches Institut Missio, Aachen, 1, 2003

El Instituto de Misiología “Missio” de la Universidad de Aachen ha lanzado esta nueva publicación, un Foro Intercultural de Teología y Filosofía cuyo director es Josef Estermann. Anunciada en cuatro idiomas (alemán, inglés, francés y castellano) se propone “tender puentes en una época marcada por discusiones teológicas de retirada y por el enfriamiento del movimiento ecuménico ante la supuesta inevitabilidad de la globalización neoliberal” (p. 9). Sigue en esto, como se señala en la presentación, y como es bien conocido en los medios académicos de teología y filosofía, la línea de trabajo que ha caracterizado a “Missio” desde su creación hace treinta años: fomentar las relaciones entre diferentes mundos culturales y promover el diálogo intercultural.

El título “chakana” proviene del quechua – aymará y “subraya la relacionalidad existente entre los diferentes dominios y realidades (...) significa así el cruce o paso de tránsito entre dos puntos. El puente como conexión entre dos dominios” (p. 9).

La propuesta enunciada se concreta en las diferentes secciones de la revista. La primera sección, “focus”, contiene los artículos relativos al tema central; la segunda, “forum”, acerca otras contribuciones y puntos de vista para ulteriores intercambios y discusiones. Continúan las secciones habituales de Crítica, Informes y Notas. La última sección, Interna, brinda información sobre las actividades del Instituto.

En esta primera entrega la sección central se dedica a un tema sin duda de particular interés y actualidad (cf. Editorial, p. 17): la tensión entre la contextualidad y la universalidad del discurso teológico, con trabajos de Daniel Franklin Pilario C.M., Peter Kanyandago y Eske Wollrad. Esta temática es objeto de atención de la “Red Teológica Norte-Sur” que se fundó en 1994 en Aachen, con la intención de evaluar el proceso de inculturación teológica y de hacer un balance provisional. El quinto encuentro de la Red (México, 2002) se dedicó a esta temática; la revista publica tres de las contribuciones de ese foro. En su nota editorial, el Director nos aclara que esta preocupación es no sólo pertinente sino imperiosa y forma parte de la propuesta central de la revista: “Reconocida la necesidad de la contextualización de la teología y la filosofía, y puesta en marcha, aunque todavía en forma tímida, su realización, se trata ahora de buscar caminos para

entablar el diálogo entre diferentes contextos, racionalidades, tradiciones científicas y cosmovisiones. Por eso, además de la contextualización, la internacionalización y la interculturalización de la teología y la filosofía representan un imperativo de nuestro tiempo” (p. 18). Los tres trabajos versan sobre los contextos filipino, africano y feminista respectivamente.

Los estudios de discusión son tres, y están a cargo de Josef Estermanan, quien trata precisamente del concepto de “chakana” y el inclusivismo religioso andino; María Pilar Aquino, con una valiente denuncia sobre el problema de la migración en la frontera sur de Estados Unidos, vista como experiencia religiosa; y Leo Leeb, sobre los estudios cristianos en China y su relación con la cultura tradicional.

El contenido es sumamente variado e interesante, así como también la interculturalidad expresada en las cuatro lenguas y los diferentes tipos de abordaje teórico. Esperamos que el camino señalado en este primer número continúe y se profundice, lo que hará mucho bien a la teología académica, mostrando otras posibilidades que incorporan nuevos temas con rigor científico, con calidez humana y con auténtico sentido religioso.

Celina A. Lértora Mendoza

NOTICIAS

XXII Semana Argentina de Teología

Se llevará a cabo en La Falda (Córdoba) del 14 al 17 de Julio de 2003, y su tema central es “La crisis argentina: ensayos de interpretación y discernimiento a la luz de la fe”.

Las actividades se articularán alrededor de seis ejes: temático, áreas, discernimiento, seguimiento, feria de dones y servicios y liturgia.

Están programadas las siguientes actividades centrales:

* Panel Interdisciplinar: La crisis argentina: diagnóstico y perspectivas desde las Ciencias Sociales, por representantes de grupos argentinos de investigación interdisciplinar. Dr. D. García Delgado (Grupo interdisciplinar de pensamiento social Gerardo Farrell), Dr. J. Kessman (Equipo interdisciplinario de análisis de la realidad, de la Universidad Católica de Córdoba), Dr. A. Rubio (Programa de investigación interdisciplinar sobre deuda social argentina, del Departamento de Investigación Institucional de la UCA).

* Panel de lectura y discernimiento bíblico: Las comunidades bíblicas ante distintas crisis histórica, a cargo de profesores del área bíblica de la SAT, que abordarán la cuestión del AT y el NT: C. Mendoza, D. Nanini, F. Albistur y G. Nápole.

* Ponencia de la Dra. Virginia Azcuy: La pobreza y la crisis en el horizonte de una lectura de la realidad a nivel de la teología sistemática y en perspectiva interdisciplinar.

* Grupos de trabajo: Lectura y discernimiento interdisciplinar a la luz de la fe.

